

PEDRO DO COUTTO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da Entrevista: 18/08/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Francisco Pedro do Coutto, nasci no Rio de Janeiro em março de 1934 e comecei no jornalismo exatamente 54 anos atrás. Primeiro num semanário, como colaborador. Depois, no *Correio da Manhã*. Eu fui indicado ao chefe da reportagem. Eu trabalhava na Rede Ferroviária Federal lendo os jornais, fazendo as resenhas. Naquele tempo se fazia assim, um *clipping* da época, se recortava as matérias que se relacionavam com o setor e também com economia e depois colava-se e fazia um resumo que era mimeografado e distribuído. Não tinha jeito, eu fazia aquilo. Uma colega minha de trabalho, amiga minha, Ruth Assunção Soares (por uma coincidência, prima da mulher com quem me casei, a Helena Isabel Martins Pedro, filha do Erasmo Martins Pedro, que foi vice-governador do estado da Guanabara) me indicou para o chefe de reportagem do *Correio da Manhã*, que me chamou, eu fui lá e me dei bem. Estava surgindo o lide naquele tempo, mas eu vinha de uma prática disso porque para fazer a resenha dos jornais era importante, essencial mesmo, resumir. E resumir é a parte mais importante. Foi quando a linguagem do lide chegou ao Brasil e o *Correio da Manhã* adotou, o *Diário Carioca* tinha adotado antes, o *Jornal do Brasil* mais ou menos na mesma época, que era o fato mais importante vir na frente e os acessórios depois. Se houvesse necessidade de corte de matéria, como se dizia na época, cortar pelo pé, o mais importante estava assegurado. Uma linguagem direta, bastante objetiva; me dei bem com esse estilo, que era o que eu fazia antes e fiquei no *Correio da Manhã*. Em 54, o primeiro trabalho que fiz foi cobrir o enterro do presidente Vargas, a saída do corpo do Palácio do Catete para o aeroporto Santos Dumont, de onde seguiria para o Rio Grande do Sul.

Houve um fato que eu percebi e registrei: em determinado momento, chegou ao velório o general Zenóbio da Costa, que tinha sido ministro da guerra de Getúlio Vargas e que não sustentou o presidente diante da crise militar. Sentou-se no

velório e a filha do Vargas, senhora Alzira Vargas do Amaral Peixoto, mãe da historiadora Celina do Amaral Peixoto, pediu que ele se retirasse, porque ele estava criando um constrangimento. E o meu início do jornalismo foi assim marcado por um fato bastante importante que hoje é um fato histórico e que, talvez, muitos não se lembrem, mas que está registrado na minha memória e nas páginas que escrevi.

Você entra no jornalismo num momento em que os jornais têm uma participação muito forte nos acontecimentos políticos. Como você descreveria o jornalismo desse momento?

Foi um momento excepcional do jornalismo, principalmente, na parte de opinião, de engajamento político dos jornais. Quando havia sucessões presidenciais, havia jornal que apoiava um candidato, outro que apoiava outro candidato. Desapareceu. Atualmente, o noticiário é geral, pelo menos é essa a intenção básica. Naquele tempo, não. Um jornal tinha um candidato, outro jornal tinha outro. Eu me lembro em 55, o *Correio da Manhã*, onde eu trabalhava, que foi o maior jornal que o país já teve, principalmente na parte de opinião, apoiou o Juscelino. O *Diário de Notícias* apoiou Juarez Távora, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* também, que naquele tempo era bem mais forte que a *Folha de S. Paulo* e que depois, se igualou em importância. Hoje *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* são, sem dúvida, os jornais mais importantes, de maior peso nacional. O *Jornal do Brasil* perdeu muito a posição, veio como tablóide. Tem a *Tribuna da Imprensa*, que eu sou colaborador diário e que eu desejo registrar a importância do jornal na parte de opinião e na atuação do seu diretor e proprietário, o jornalista Hélio Fernandes, um grande personagem, testemunha da história do Brasil. Eu acho mesmo que neste círculo de versões, de visões e opiniões sobre jornalismo, a presença do Hélio Fernandes é indispensável, porque sem ele, sem o Carlos Lacerda, que foi o fundador da *Tribuna da Imprensa*, sem a própria *Tribuna da Imprensa* e sem ele, Hélio Fernandes, jornalista mais preso do Brasil, a *Tribuna da Imprensa*, jornal mais prejudicado e perseguido pela ditadura militar, não se conseguiria escrever a História do Brasil. Naquela época, havia uma situação diferente de hoje. Através do tempo, as reportagens ganharam uma importância muito grande como na Revista *Veja*, as reportagens da *Folha de S. Paulo*, do *O Estado de S. Paulo*, do *O Globo*. Mas o jornalismo atual não tem os editoriais de antigamente, que eram escritas por redatores fantásticos e de quem se sente muita saudade. Por exemplo, a meu ver, dos cinco grandes editorialistas da imprensa brasileira três foram do *Correio da Manhã*: Otto Maria Carpeaux, o maior de todos, Franklin de Oliveira, Álvaro Lins. Os outros dois: João Neves da Fontoura, que tinha sido chanceler do governo constitucional de Vargas que assumiu em 51, e José Eduardo Macedo Soares, do

Diário Carioca. Esses cinco inigualáveis na parte de opinião. Então, hoje eu vejo fatos aí (...) um menino, por exemplo, de 3 anos, é morto pela polícia militar do Rio de Janeiro e esse é um fato que escandaliza a humanidade em qualquer lugar do mundo. A polícia mandar parar um carro, manda que seus ocupantes, suspeitos, saiam com a mão para cima, isso é o mínimo que tem que se exigir no caso do menino. Não. Atiraram antes de dar qualquer ordem. Com os editorialistas de antigamente, isso ganharia uma dimensão que hoje não ganhou, embora a atual tenha sido grande, compatível com o absurdo do acontecimento. Mas as opiniões teriam sido muito mais fortes do que foram, porque isso é uma das coisas mais absurdas que já aconteceram na história do país.

Quando você entrou no *Correio da Manhã*, você já tinha o interesse pela política?

Tinha. O meu avô, Pedro do Coutto, era historiador, eu fui criado por ele e pela minha mãe, filha dele. Teve também com esse nome Pedro do Coutto Junior, mas era professor de português, mas o Pedro do Coutto, só Pedro do Coutto, era professor de História. Ele gostava muito de política e acompanhava. Um dia, em 45, eu tinha 11 anos, eu acompanhei. Fiquei até tarde da noite ouvindo o César Ladeira, rádio *Mayrink Veiga*, o comício dos Lenços Brancos, do Brigadeiro, primeiro comício depois que a redemocratização se estabeleceu. Enfim, eu tinha o interesse, sempre me motivou, mesmo ele não sendo consciente dessa motivação. Da mesma maneira que pesquisa eleitoral. Esse é um aspecto que eu registro para mim. Eu fui um dos primeiros jornalistas do país, talvez, até o primeiro, a levar a sério as pesquisas de Ibope, as pesquisas eleitorais, num tempo em que quase ninguém acreditava: "Ah, eu não fui ouvido". Se você ouvir mil pessoas e souber dividir isso por categorias sócio-econômicas, você faz a pesquisa com a maior segurança. Tanto é que na história do Ibope que começou em 1942 e tem, portanto, hoje, 66 anos, em mais de 10 mil pesquisas, você aponta 3 erros, ou 4, estourando. Tem diferenças mínimas. E a pesquisa eleitoral é uma coisa fascinante, porque é a única que pode ser comprovada na prática; as outras não. Se você disser que o Redoxon vende mais que o Cebion ou Vitamina C, você aceita a informação, mas você não tem como comprovar. Você sente que a Rede Globo lidera por larga margem a audiência da televisão, mas você se baseia sempre nas pesquisas. Na política não. O instituto faz a pesquisa e dá o prognóstico, você confere com a urna. O risco do instituto é enorme, cada pesquisa eles jogam seu destino. E, por isso, eu achei sempre que, dado inclusive em função do risco, era uma atividade de alta precisão. E me lembro bem que em 1955, no *Correio da Manhã* como repórter, havia um Comitê Central da Campanha do Juscelino no Rio, na Rua do Carmo, que era uma

sala de um deputado federal que tinha sido ministro da Fazenda do Dutra, o Ovídio de Abreu, Minas, PSD de Minas. E o Juscelino, de posse de uma pesquisa do Ibope, reuniu a imprensa para dizer: "Olha, a pesquisa, o prognóstico é esse, eu ganho aqui, perco ali. Em São Paulo vou perder, aqui e em Minas ganho fácil". Quando chegou no Paraná, ele parou e disse que ali tinha uma dúvida porque o governador, que era do PSD, Moisés Lupion, na última hora apoiou o Ademar de Barros. Mas o Ibope fez uma pesquisa de uma precisão fantástica, o erro não foi de 1%, não passou de 1% a diferença. O Juscelino 33, o Juarez Távora 27, o Ademar de Barros 20 e concorreu o Plínio Salgado, que era do Partido de Representação Popular, que era o antigo integralismo, 10% e os outros 10% de votos brancos e nulos. Então, eu confrontei aquilo com a urna. Aquilo me impressionou muito, o resultado impressionou porque a votação estava exata. O Juarez tinha contado 28, ele fechou com 27; o Ademar apontaram 21, ele fechou com 20; o Juscelino com 34, ele fechou com 33. É mínima a diferença. É um trabalho que tem que ser levado a sério. Reforçando minha admiração por pesquisa, gosto muito e acho até que tem uma contribuição no jornalismo, porque a pesquisa não é só eleitoral. A partir da pesquisa eleitoral os jornais brasileiros e revistas passaram a ter um gosto por fazer pesquisa. E se pesquisa qualquer coisa depois da eleição, o comportamento de trabalho, o comportamento sexual, hábitos, consumos, tudo; não se faz nada sem que haja uma pesquisa prévia. Uma coisa importantíssima é uma pesquisa. Muitas vezes, os setores do governo, tanto federal quanto estadual, anunciam coisas que você vai ler no Diário Oficial e é diferente, não tem nada daquilo. Agora mesmo, há poucos dias fez-se uma pesquisa, a Fundação Getúlio Vargas, sobre a coordenação do economista Marcelo Neri, que, ao meu ver, é um absurdo. Você considerar de classe média quem ganha de R\$1.664,00 por mês a R\$4.591,00, isso é um absurdo completo. Quem ganha R\$2.000,00 pode ser considerado de classe média? Não pode ser! Então, você também contesta as pesquisas, mas as pesquisas estão na ordem do dia, você não faz nada se não pesquisar e analisar, e os números sempre exigem uma atenção. Então, você faz uma pesquisa, por exemplo, como eu escrevi há poucos dias na *Tribuna da Imprensa*, e diz: "1% das famílias ganha mais de R\$16.000,00 por mês", tudo bem. Vamos supor que eu fizesse o seguinte: 1% das famílias ganha de R\$16.000,00 a R\$500.000,00 por mês. Muitas pessoas estariam incluídas nessa faixa, mais R\$16.000,00 por mês não é uma quantia tão grande assim. Mas e R\$500.000,00? As pessoas estariam mais próximas de 16 ou de 500? 500 é o presidente do Bradesco, o presidente da Vale do Rio Doce, o presidente de onde não sei mais... da Rede Globo... se resume em exceções. Mas fosse ela teria dado uma impressão falsa com a faixa que você coloca. É preciso analisar os números,

dá personalidade a eles. Eu fiz esse trabalho no jornalismo como fiz também na legislação. Eu gosto de fazer e acredito que tenha sido essa a contribuição que eu dei e continuo dando ao jornalismo, que é pesquisar o número com atenção e não ir na primeira conversa que alguém diz uma coisa. Mancheta aqui, mancheta ali, tudo bem, mas é preciso uma análise atenta a respeito de números porque eles iludem muito. Lamento que tenham desaparecido esses editorialistas a quem me referi, que não deixaram substitutos. Desses grandes editorialistas só está mesmo vivo o Hélio Fernandes, porque o Carlos Lacerda morreu; o Franklin Oliveira, que era até meu amigo pessoal, morreu também; o Álvaro Lins morreu; o JE de Macedo Soares morreu; o Neves da Fontoura a mesma coisa. Há também um que foi um editorialista importante no Jornal do Brasil. Muito importante como analista político também, mas, principalmente, como editorialista. Ele também tem o seu lugar na galeria dos grandes editorialistas brasileiros.

Como era o *Correio da Manhã* quando você chegou lá? Como era o ambiente desse jornal?

Ótimo. Não existe mais ambiente. Eu digo sempre o seguinte: uma das melhores coisas que se pode ter na vida é trabalhar em uma redação de jornal. O sujeito se sente bem, à vontade, está sempre a um passo da criatividade. Um aspecto do jornalismo que eu acho essencial: o jornalismo é uma ponte. Entre o ontem e o hoje, entre o hoje e o amanhã. Como disse o Hélio Silva, a história não espera o amanhecer, e o jornalismo também não. Ele é essa ponte, a ponte do tempo, ninguém retira do jornalismo essa atribuição que ele tem da história e do dia-a-dia. Lendo uma coleção de um jornal bom, passado, como eu já fiz no *Correio da Manhã* quando estava fazendo a pesquisa do século. O jornal tinha nascido com o século e não tinha se imaginado isso em 1970, o jornal tinha coberto o século. Você encontra referências históricas muito superiores das que você encontra nos livros. Um dia, nessa mesma década eu era editor da [editoria de] Nacional no *Correio da Manhã*, e o assunto era a morte do presidente do Egito, Gamal Nasser, depois do insucesso da guerra, que ele tinha levado o país contra Israel em 1967. Ele ficou combalido e em 1970 morreu. Então, precisou fazer uma matéria sobre isso. As agências mandaram, mas aí me deu uma lembrança que a queda do Rei Faruk, rei do Egito em agosto ou setembro de 1953. Então, peguei as edições no arquivo do *Correio da Manhã*, muito bom até ser saqueado pelo jornalista Ari de Carvalho anos depois, quando ele foi dono da *Última Hora*. Esse episódio eu conto daqui a pouco. Encontrei de agosto para setembro, a primeira queda de Faruk em que assumiu Nagib, um coronel, depois Nasser. Tinha os acontecimentos daquele momento de maneira clara, objetiva, direta, como era escrita pelo Carpeaux, que ele, aliás,

admirava muito no escritor Hemingway, pela sua simplicidade e profundidade, mas a simplicidade sem prejudicar a profundidade da narrativa. Então, eu aprendi que você recorrendo às páginas dos jornais, do arquivo da história, você encontra os episódios muito mais qualificados, muito mais claros do que se você pesquisar em algum livro. Mesmo porque você, às vezes passado o tempo, um autor de um livro, um autor de história, às vezes muda seu curso. Dou dois exemplos. Por exemplo, outro dia o Papa Ratzinger, o Bento XVI, se referiu a 21 séculos da Igreja Católica. Não é verdade, ela não tem 21 séculos, ela tem 18 séculos. Ela foi fundada pelo imperador romano Constantino, 305 anos depois da morte de Cristo. Então, uma oração, segundo o Evangelho de São Mateus, o Padre-Nosso, é a mais conhecida do mundo. Quando o Cristo se refere à igreja que igreja é essa? Não é a Igreja Romana, mas ele está se referindo à Igreja Judaica. Então, o que aconteceu? A mensagem do Cristo, que era um judeu dissidente, daí o livro que eu escrevi que o Cristo é o maior dissidente da História, a maior figura da humanidade é o Cristo, sem dúvida alguma, mas ele era judeu, então, ele estava se referindo às igrejas da ocasião e não podia se antecipar ao futuro. As Igrejas Católicas só surgiram 300 anos depois. Essa oração, quando inclui a palavra Igreja, está adaptando a palavra à realidade do Vaticano, católica, não à autenticidade original. Quando um filósofo importante, Leandro Konder, intelectual, escreveu um artigo um dia no *Jornal do Brasil*, eu na *Tribuna* escrevi outro sobre o Carpeaux. Tinha se completado 30 anos da morte do Carpeaux e ele escreveu. Ele foi bastante elogioso ao Carpeaux, mas com dois equívocos bastante essenciais. Primeiro disse que o Carpeaux era um homem católico. Não, ele era judeu. Segundo que ele era conservador. Não é verdade, ele era um reformista. Eu escrevi mostrando isso. Inclusive, quanto a parte reformista, quanto a parte conservador, eu me lembro que em 63, o De Gaulle, presidente da França, foi o primeiro chefe de estado ocidental a dizer que só havia uma China num tempo em que havia duas, a de Pequim e a de Formosa, e o De Gaulle disse que só reconhecia a China de Pequim, a China continental. O Carpeaux escreveu um artigo elogiando a decisão do de Gaulle, porque era compatível com a realidade mundial. Um deputado estadual do Rio de Janeiro, que era até comunista, um orador brilhantíssimo, Sinval Palmeira, (eu fazia também nessa ocasião, 63, a cobertura estadual do Rio de Janeiro - a capital já tinha se mudado para Brasília, mas fazia a política federal também) gostou muito do artigo, escreveu uma carta e pediu que eu entregasse ao Carpeaux, elogiando muito e uma expressão dizendo: "Admirei muito seu artigo, afinal, um homem conservador como o senhor...". O Carpeaux ficou furioso, escreveu outra carta e disse: "Por favor, entregue a ele. Jamais fui conservador na vida, tenho um passado". Lembro de memória o texto integral: "um passado de lutas sociais, nunca quis conservar

coisa nenhuma, sempre quis reformar, estive sempre ao lado da reforma". Você vê os riscos que a história corre. Católico? O Carpeaux entendia profundamente a engrenagem do Vaticano, escreveu muito sobre isso, mas não era católico, isso é outro assunto. Não tinha nada de católico, nem de conservador. Vê os riscos que a história corre de aparecer alguém e acrescentar uma coisa. Quantas pessoas acreditaram, não leram o meu artigo, leram o dele, do Leandro Konder, e quantas pessoas certamente acreditaram que o Carpeaux era um católico e conservador. Não é verdade.

Quais eram os seus companheiros de *Correio da Manhã*, quando você entrou?

Tinha o Luiz Alberto Bahia, que foi um grande redator chefe, deu entusiasmo à redação, era um prazer entrar no *Correio da Manhã*. O Villas-Bôas Corrêa, que também é um depoimento interessante aqui, importante. Hoje em dia, sabe o que está acontecendo nas redações? Por causa da internet, a intranet, o sujeito chega e diz: "Olha, daqui a pouco eu vou passar um e-mail para você". Não é necessário, fala o que é, diz diretamente, pega o telefone. Ou então: "vou passar um e-mail, vou passar um e-mail". Isso esfriou, distancia as pessoas e a redação. Havia uma integração. A essa altura, já tinha morrido o Costa Rego, que tinha sido o grande redator chefe na história do jornal, e o [Antônio] Callado também não estava mais, foi ser autor de teatro. O Bahia assumiu e criou um clima de entusiasmo na redação. Você vibrava com artigos do Carpeaux, do Franklin. Nogueira França, um crítico de música excelente; Jaime Mauricio, um crítico de artes plásticas excepcional, sempre entusiasmado com que fazia. Havia um amor pela atividade jornalística e o chefe de reportagem era excelente. O Castro, redator; o secretário de jornal, o Aluísio Branco... O Castro e o Branco já morreram. Era muito vibrante trabalhar no *Correio da Manhã*, o jornal tinha um peso extraordinário e a redação se emocionava com a importância do jornal em que trabalhava.

Alguns jornais tinham linhas políticas muito definidas, como a *Tribuna da Imprensa*. Qual era a linha do *Correio da Manhã*?

O *Correio da Manhã* era um jornal liberal, voltado evidentemente para uma posição conservadora, mas não tanto quanto a de *O Globo*. Tanto é que houve alguns duelos do *Correio da Manhã* e *O Globo* a respeito de temas econômicos. O *Correio da Manhã* era um jornal que surgiu em 1901, fundado pelo Edmundo Bittencourt, pai do Paulo Bittencourt, e surgiu com o próprio manifesto do seu lançamento no sentido de que surgiu com a tarefa de confrontar o poder, desafiar o poder, contestar. Era um espírito como o dos Mosqueteiros - o livro do Dumas pai -,

alguém que vem para o confronto, que não vem para aderir, porque para aderir já tinha gente demais. Ele foi fiel a esse pensamento original até o seu fim. E isso é que entusiasmava muito. Por exemplo, na crise de 1954, no suicídio de Vargas, que começou com a criação da *Última Hora* [em 1951]. O Getúlio Vargas era um gênio político, sem dúvida, o maior político brasileiro, que conduziu o Brasil em momentos difíceis como a Segunda Guerra Mundial. Afinal de contas, Vargas conviveu, ao meu ver, com os dois maiores estadistas da História, Roosevelt e Churchill, ao mesmo tempo que conviveu com os dois maiores assassinos da História, Hitler e Stalin, que se confrontaram, ninguém no mundo matou mais que esses dois homens, principalmente Hitler. Enfim, era um homem de extraordinária habilidade. Mas o tempo passa. Eu acho que no caso da *Última Hora* ele falhou. A verdade é que estamos falando de 1951 e da fundação da *Última Hora*. Ele ganhou a eleição em 1950, com 49,4% dos votos, e assumiu em 1951. Ficou isolado na imprensa, era fácil até prever isso. Você tinha no mundo e tem até hoje os quatro setores mais rentáveis: petróleo, siderurgia, mineração e eletricidade. Vargas estatizou a siderurgia com a Siderúrgica Nacional primeiro; depois a Petrobras; depois a Vale do Rio Doce, que era a Itabira Iron do grupo Farquhar, ele estatizou, se apropriou. Em 53, foi a mensagem dele; a lei só foi aprovada em 63, 10 anos depois, criando a Eletrobrás. Era fácil prever o maremoto. Ele estava contrariando interesses gigantescos que se fizeram refletir na imprensa e ficou isolado. Então, ele precisava de um jornal para defendê-lo, na visão dele, defender o seu governo. Aí apareceu o Samuel Wainer com o projeto *Última Hora*. Só que Vargas ali falhou no seguinte: da mesma forma que era fácil prever o maremoto contra Vargas pelos interesses econômicos internacionais e nacionais, também era fácil prever a reação de todos os jornais quando o Banco do Brasil financiava um concorrente. Foi o que aconteceu. Com o suicídio de Vargas, o governo foi parar na mão do Café Filho e as pressões dos antivarguistas se fizeram sentir para liquidar o jornal. Estava prestes a ser liquidado. O Carlos Lacerda ainda não era deputado, foi eleito em 54, o Bilac Pinto, UDN de Minas, era. Cada um comprou uma ação do Banco do Brasil e os dois foram para a Assembléia Geral dos acionistas exigir a cobrança em cima do grupo Wainer. Isto era através de uma empresa que não tinha o nome da *Última Hora*, chamava-se *Érika Editora*, funcionava em um prédio na Praça Onze. E foram fazer essa cobrança, queriam liquidar a *Última Hora*. Aí o *Correio da Manhã* fez um editorial dizendo que não. Embora o Paulo Bittencourt não suportasse o Wainer e aqueles grandes barões da imprensa, o Wainer era o empregado como nós, que tinha trabalhado pros Associados, depois numa revista, *Diretrizes*, primeiro, depois associou-se aos Associados. Era um jornalista, não era o dono do jornal. Não era aceito do clube fechado dos donos de jornal, mas se tornou um deles através do

Banco do Brasil. O *Correio da Manhã* primeiro fez um editorial dizendo que não, se é para cobrar a dívida cobra de todo mundo, só do *Última Hora* e do Wainer não. E ele era contra o Wainer, mas aí defendeu o princípio de igualdade. Por aí você está sentindo como era o espadachim, o Paulo Bittencourt, que herdou do pai essa visão, outras coisas pode não ter herdado, mas herdou a visão de igualdade de tratamento que deve nortear as relações humanas. Mas a pressão para cobrar continuou. De repente o Wainer apareceu no Banco do Brasil e pagou a dívida. Ele conseguiu dinheiro com o Conde Matarazzo, em São Paulo, com o Ermírio de Moraes, pai, e com o Moreira Salles. Primeiro, o Matarazzo tinha o interesse, era o grande empresário brasileiro da época e tinha entre as indústrias a subsidiária de uma grande empresa americana, a Continental Can. A América Can queria entrar no país, era a concorrente dele, e a *Última Hora* defendia o capital nacional e o Matarazzo se enquadrava. O Moreira Salles pelas relações de amizade, pessoais, com a filha de Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, a quem ele devia muita coisa. O Ermírio de Moraes porque era um empresário nacional e nacionalista que enfrentava as pressões do capital estrangeiro nas indústrias e a *Última Hora* defendia esse capital nacional. Então, os três se juntaram e deram o dinheiro ao Wainer, que pagou a dívida. O Lacerda ficou furioso, na *Tribuna da Imprensa* botou um artigo: "Quem está pagando?", era o título, exigindo que o Banco do Brasil dissesse quem pagou pelo Wainer. Aí o *Correio* colocou no editorial: "Negativo, o credor não tem esse direito. O credor tem o direito de cobrar, não tem o direito de saber quem pagou pelo devedor. Se o devedor pegou o dinheiro e pagou, quitou, fim de assunto". Posições assim que norteavam o *Correio da Manhã*.

Nesse episódio há uma CPI para investigar o *Última Hora*. Era a primeira vez que havia uma CPI para investigar a imprensa no país?

Eu acho que sim. Depois houve outra que não foi muito à frente, mas era sobre a publicidade dada pela Esso através de uma empresa de propaganda, se não me engano, a Standard. Mas aí não ficou caracterizado que aquilo era para fazer campanha anti-Vargas, mas no caso da *Última Hora*, ficou caracterizado e, até por uma ironia do destino, foi Wainer quem disse a alguém que pedisse a CPI, que ele queria responder ao Lacerda. Foi o erro dele, foi a CPI onde ele se complicou incrivelmente e que essas coisas todas vieram à tona e terminaram com o suicídio de Vargas. O *Correio da Manhã* tem, de certa forma, uma ligação indireta nesse desfecho. Em 1952, o Paulo Bittencourt, que era casado com Silvia Bittencourt, separou-se dela e casou-se com a Niomar Muniz Sodré. A Niomar era, por sua vez, casada com um jornalista chamado Hélio Sodré, que depois fez um concurso e se tornou juiz de direito, já morreu, mas, nessa época, ele era jornalista. Nós estamos

falando em 1952. Você vê pelo tempo uma diferença essencial. Por exemplo, em 52, duas mulheres, uma de 50 anos outra de 20, uma mãe e a filha, na Praia de Botafogo, fizeram sinal para um homem, Gilberto Nogueira Rodrigues, pedindo que ele as levasse à Lagoa, para evitar um encontro de um namorado com um ex-namorado da moça. Era o caso Sacopã. O Gilberto Nogueira Bastos parou. (O Gilberto tem um homônimo que trabalha na polícia. Esse era arquiteto, não sei se é vivo ainda, era mais velho do que eu, se estiver vivo deve ter uns 78 anos, 79, eu tenho 74). O Gilberto parou o carro para atender e uma mulher entrou. Hoje, em 2008, ninguém pararia, nem para a Vera Fisher se fizesse sinal para parar. Antigamente era comum. Mas, hoje, o sujeito vem com 38, vou abrir a porta do carro? Daqui a pouco tem uma arma apontada na sua cintura. Em 1952, era outro Rio de Janeiro.

A Niomar tinha um filho com o jornalista Hélio Sodré, que está vivo até hoje, Antônio Muniz Sodré Neto, um pouco mais novo do que eu. Niomar tinha se casado com Paulo Bittencourt e levado o filho. Hélio Sodré queria a guarda do filho. Isso estava caminhando na Justiça, naquela ocasião, mais favorável ao Hélio Sodré. Se fosse hoje, podia ser diferente, mas naquele tempo... A Niomar certamente começou a ameaçar o Hélio Sodré e o Paulo Bittencourt tinha um relacionamento bom com o Benjamin Vargas, irmão do Getúlio Vargas. Lá pelas tantas, a ameaça deve se ter feito sentir, que o Hélio Sodré passou a andar armado. Jornalista anda armado? Difícil. Jornalista não é de se fazer parte desse tipo de desfecho, mas estava armado. Quando sentiu que ia ser seqüestrado, e foi em Petrópolis, ele reagiu, acertou um tiro num dos seqüestradores. Um deles era o Climério, envolvido no atentado a Carlos Lacerda em agosto de 1954. Foi, terminou dominado, espancado. Talvez, pensassem até que estava morto e jogaram o Hélio Sodré num terreno baldio no Alto da Boa Vista. Avisaram à delegacia do local. Estava de serviço o comissário Rescala Bittar, depois se tornou um delegado famoso no Rio de Janeiro. Rescala Bittar abriu inquérito. As evidências começaram a aparecer. Primeiro, o *Correio da Manhã*, jornal poderosíssimo. Segundo, a guarda pessoal de Vargas. Era demais! O Bittar não concluiu o inquérito, mas mudou a direção de sua vida: além de policial, foi trabalhar no *Correio da Manhã*. Agora, sempre trabalhou, nunca recebeu sem trabalhar no *Correio da Manhã*. Primeiro foi subsecretário, entrava cedo, era meu amigo e, depois, fez até reportagem de rua, mesmo como delegado de polícia. Nunca ligou para isso. Mas, naturalmente (aí já não é o fato, mas minha suposição), o Benjamin Vargas, achando que tinham espancado o jornalista e que o inquérito não tinha prosseguido, foi dado o dito pelo não dito: "então, se matar o Carlos Lacerda, mais um jornalista, também não vai acontecer nada". Só que o Carlos Lacerda não era Hélio Sodré, e as circunstâncias

eram totalmente diferentes: não eram pessoais, eram coletivas, e haviam forças armadas envolvidas no assunto. Eu acho que o atentado ao Lacerda no dia 5 de agosto de 1954, uma terça-feira (no domingo, pela primeira vez, o [Luiz] Rigoni venceria o grande prêmio Brasil, montando o cavalo El Aragones. Eu estava lá e vaiaram até). Eu acho que o atentado de Toneleros surgiu do atentado de Petrópolis ao Hélio Sodré, porque aí disseram: "Ah, não d  em nada mesmo". Aí é que se enganaram. É um pouco uma suposi o minha, mas eu acredito que seja válido.

Como era o Paulo Bittencourt? Como era a atua o dele no jornal?

O Paulo Bittencourt era um todo-poderoso dono de jornal. Com momentos de grande liberalidade e com momentos de muita irrita o. Bebia muito. Momentos de grande liberalidade, por exemplo, chegou um dia, olhou e viu um antigo companheiro do irmão dele, um fotógrafo, chefe da fotografia, Bueno. Da porta da sala dele, chamou: "Bueno, vem c ! Onde é que você mora?"; "Lá na rua Teodoro da Silva" (na mesma rua em que morou o Noel). Aí ele disse: "Mas a casa   sua?"; "Não, Dr. Paulo, o que é isso? Eu pago aluguel"; "Paga aluguel?"; "Pago aluguel."; "Então, eu vou dar uma casa para você". E deu uma casa ao Bueno. Mas, às vezes tinha momentos de irrita o, uma notícia aqui, uma coisa ali, o desagradava. Era uma presença que, de fato, intimidava um pouco, porque todo mundo gosta de ser jornalista, ninguém queria ser demitido, às vezes sem mais nem menos... Mas, a imagem que faço dele é positiva. Ele era um homem dominado pela mulher, Niomar. Ele se transformou num personagem de Maugham [William Somerset], da *Servidão Humana* [*Of Human Bondage*, 1915]. Ele reclamava muito dela com pessoas íntimas dele (não era o meu caso), que disseram, depois, que ele fazia tudo que ela queria. Esse caso do Hélio Sodré é um exemplo. Ele era um homem submisso a ela e foi assim até morrer, em 1963, de um câncer, aos 67 anos de idade.

Você falou dos grandes editorialistas, inclusive do *Correio da Manhã*, como o Carpeaux, o Franklin de Oliveira. A opinião do *Correio da Manhã* era construída por esses editorialistas? Como era a interferência do Paulo Bittencourt?

O Paulo Bittencourt apoiava sempre os editoriais liberais, admirava muito o Carpeaux, o Franklin, o  lvaro Lins. O Paulo Bittencourt não interferia na linha do jornal, em alguns aspectos. Apoiou o Juscelino, depois o Juscelino escolheu o João Goulart para ser vice dele, o *Correio da Manhã* se distanciou, mas depois manteve o apoio ao Juscelino. Tanto que quando manteve o apoio, o Carlos Lacerda na

Tribuna da Imprensa escreveu um artigo: "*Delirium Tremens*", era o título, chamando o Paulo Bittencourt de bêbado. O Lacerda era um mau tático, era um gênio, sem dúvida alguma, um grande administrador da Guanabara, do Rio de Janeiro, também inegável, mas democrata ele não era. Porque disputava uma eleição, Getúlio não podia tomar posse, Juscelino não podia tomar posse, Jânio Quadros podia tomar posse, Negrão não podia tomar posse (...) Que é isso? Em quatro eleições que ele participou de maneira direta ou indireta, as três que ele perdeu, ele investiu contra a posse do eleito. Então, escreveu o "*Delirium Tremens*" contra o Paulo Bittencourt. Aí o Lacerda já era deputado (tinha sido eleito em 54, e a campanha era de 55). O Lacerda estava primeiro querendo a candidatura do Etelvino Lins. Custou muito a aceitar a do Juarez Távora, mas aceitou. O Etelvino Lins não se manteve. O *Correio da Manhã* respondeu com uma trilogia escrita pelo Álvaro Lins: "Pobre rapaz, pobre coitado, pobre diabo", uma coisa magistral. Era assim o Paulo Bittencourt, ele não interferia, achava que o interesse nacional tinha que estar representado. A Niomar interferia mais. Na questão de defesa da construção do Museu de Arte Moderna, neste espaço que está aí até hoje no Rio. (Aliás, uma obra que não foi concluída até hoje. A construção começou em 1957, 58, e depois foi inaugurada parcialmente. Já houve incêndio e a obra continua inacabada, é uma pena). Mas, ela interferia muito no noticiário, em matéria... Depois da morte do Paulo Bittencourt, também interferiu bastante na linha editorial. Mandou fazer os três grandes artigos na queda do João Goulart. Não foram escritos nem pelo Carpeaux, nem pelos três primeiros. O quarto foi. É uma coisa até interessante, historicamente. O artigo "Basta", contra o Jango, é de autoria do Edmundo Moniz, que depois acabaria se tornando amigo e até secretário de cultura do Brizola quando o Darcy Ribeiro foi eleito governador. O artigo "Fora" foi escrito pelo Edmundo Moniz também. Há um terceiro artigo que os historiadores começam a esquecer, "Basta e Fora", aí é Edmundo Muniz junto com um crítico de cinema que era lacerdista exaltado, Antônio Muniz Vianna. Mas há um quarto artigo, este, então, no esquecimento absoluto. O Carpeaux pegou o título dos anteriores e fez "Basta: Fora a ditadura!". O Carpeaux foi profético porque foi o que se estabeleceu em 64 e durou até 85. De maneira que a autoria dos artigos é importante porque já se escreveu que o Cony tinha sido autor do "Basta e Fora" e não é verdade. É exatamente isto, o "Basta" do Edmundo Moniz, o "Fora" do Edmundo Moniz, o "Basta e Fora", Edmundo Moniz e Antônio Muniz Viana e o quarto: "Basta: fora a ditadura", o Carpeaux.

Esses editoriais foram muito determinantes naquele tempo, ajudaram a mudar a história do país. De alguma forma era possível acompanhar as discussões que eles geraram?

Não, porque era o que eles chamavam o *Petit Trianon*, a sala dos editorialistas. A redação e eu, que era repórter e redator também, não tinha acesso ao *Petit Trianon*. Eu me dava com as pessoas, com Carpeaux, com o Franklin de Oliveira... Mas a linha traçada pela Niomar era no quarto andar, aí só tinha acesso os editorialistas e ela.

Você se lembra da repercussão?

Sim, foi enorme. O "Basta" era um artigo que pregava a deposição do presidente, o "Fora" era a queda dele consumada, o "Basta e Fora" liquidando o assunto. Foram artigos de extrema coragem. Mas a Niomar mudou a orientação. Embora o *Correio da Manhã* tenha participado ativamente na queda do Jango, se arriscado como nenhum outro jornal se arriscou. O fato é que ela passou a lamentar os rumos que o Brasil tomava com o regime militar e acabou rompendo. Porque o grande apelo da Niomar não era a construção, não era o diálogo. O grande apelo dela era o confronto, era algo para demolir. Nunca haverá no jornalismo uma personalidade como ela, como o Carlos Lacerda, como o David Nasser, o repórter meio da realidade, meio da ficção; nunca haverá ninguém como o Assis Chateaubriand. Pode ser diferente, são pessoas extremamente singulares, são atores fantásticos da imprensa brasileira. O Chateaubriand, antes mesmo do poderio do jornal dele, foi capaz de, um dia, transformar uma disputa de professor catedrático de Direito Civil da Faculdade de Pernambuco num assunto nacional. Ele tinha uma singularidade muito grande. Mas a opinião do jornal era o peso mesmo e da reportagem também; o peso do *Correio da Manhã* nenhum órgão de imprensa conseguiu. Eu atribuo isso ao caráter de espadachim do Paulo Bittencourt e ao Bahia, em grande parte. O Bahia enfrentou o cerco de 1961 da polícia do Lacerda, a censura do jornal. O *Correio da Manhã* censurado, os artigos do Carpeaux, "Rei sem Lei" contra o Lacerda, "Coragem senhores", para a posse do Jango. [Com] o jornal interdito, cercado pela polícia do Lacerda, à tarde, nós saímos, o Cony saiu, o Carpeaux saiu distribuindo jornal na rua, seus editorialistas distribuindo jornais. Imagina, um super intelectual como Carpeaux, um homem que escrevia sem anotação nenhuma: "Carpeaux, você não recorre a nenhuma anotação?"; "Não, não. Só à cabeça, à memória". Escreveu oito volumes da *História da Literatura Ocidental*, uma obra primorosa, escrita à mão, ele não batia à máquina. Fantástico isso.

Quais foram as suas funções dentro do *Correio da Manhã*?

Eu era repórter quando comecei, mas viram que eu tinha aptidão para fazer a parte política, a parte administrativa. Fazia matéria de economia e era muito requisitado: "Pede para ele cobrir, pede para cobrir". Me indicavam muito para fazer isso e foi me dando um certo prestígio no jornal. Depois, fui subeditor da Nacional. Mas o editor, João Duarte, que tinha sido da *Tribuna da Imprensa*, estava doente e, então, um dia, ocupava o lugar dele na edição, mas eu era subeditor. Depois fui editor da Nacional, onde o jornal morreu na minha mão e mais até na mão do Afonso Cascon, que era o editor geral. O jornal já estava combalido, mas foi um número histórico, 8 de julho de 1974, foi a última edição do jornal.

Você comentou, por exemplo, dos embates d'O Globo e do Correio da Manhã em alguns assuntos, por exemplo, assuntos econômicos. Você lembraria de alguns episódios?

Havia questões de petróleo que o *Correio da Manhã*, *O Globo* não aceitava a Petrobras de jeito nenhum. O *Correio da Manhã* criticava também na opinião, mas destacava no noticiário. A mesma coisa a siderurgia, havia diferenças. *O Globo* tinha sempre uma visão privatista total do panorama econômico, o *Correio da Manhã* tinha a visão privatista também, mas não era tão profunda quanto a de *O Globo*. Nas questões da cidade, as diferenças aumentaram no governo Carlos Lacerda, que *O Globo* começou apoiando integralmente, e o *Correio da Manhã* contestando uma série de aspectos da administração. Um dia, eu me lembro que foi uma matéria muito grande que o *Correio da Manhã* fez sobre falta d'água que houve no Rio e que o Lacerda culpou o índice pluviométrico da chuva. Fui fazer uma matéria na Praia Vermelha, no Departamento de Recursos Minerais, levantar o índice pluviométrico. Aquilo deu uma matéria muito boa. Havia divergências de fundo. Há outras divergências também.

Quando houve a morte de Getúlio e quando houve o inquérito, antes mesmo da morte de Getúlio, foram presos os principais acusados, foi preso o Gregório Fortunato, o Climério, o Alcino, o pistoleiro que matou o major na noite de 5 de agosto, na Toneleros. Havia o inquérito no Galeão e o inquérito na PM do Rio de Janeiro, no quartel da Evaristo da Veiga. O inquérito estava fechado para a imprensa e o Lacerda tinha acesso. No final do dia, o Lacerda reunia a imprensa e passava as informações, embora ele fosse diretor proprietário da *Tribuna da Imprensa*. O *Correio da Manhã* fez um editorial contra isso, porque ou todo mundo acompanha ou não acompanha; não pode uma pessoa só monopolizar o noticiário, senão só vai dar a favor de si próprio. Aí já houve uma divergência profunda com o Lacerda em torno disso, o Lacerda queria absorver tudo e *O Globo* aceitava. Esta foi uma das diferenças essenciais do *Correio da Manhã* com *O Globo*.

Eram jornais que tinham o mesmo público? Como é que era?

Eram. Corria na mesma faixa, classes A e B, classe alta. Mas não competiam porque naquele tempo *O Globo* era um vespertino, só rodava depois de 12h; o *Correio da Manhã* era um matutino, já ia partir de madrugada, antigamente no Rio havia assim. Hoje em dia já não há mais. Seria até impossível haver vespertino no Rio por causa do trânsito. Você não teria como distribuir, chegar, levar o jornal nas bancas, poder fazer a distribuição, mas naquele tempo havia. O *Correio da Manhã* não saía segunda-feira, saía domingo, *O Globo* saía segunda-feira, não saía domingo, veio só sair domingo a partir de 1972. Eu trabalhei n' *O Globo* nesse período. O *Jornal do Brasil* era um matutino, saía segunda-feira, não saía domingo ou saía domingo e não saía segunda-feira, depois passou a sair segunda-feira por causa d' *O Globo* que saía domingo, mas não foi a mesma edição, não tinha a mesma força. Mas, eram um pouco semelhantes, renda mais alta da sociedade, grupos sociais que pensavam mais, onde residia o que eu chamo de usinas de pensamento, porque o pensamento se fabrica com as pessoas, dependendo da capacidade de cada um; a capacidade de percepção, a capacidade de análise, não são iguais. Nada contra quem tem a capacidade de análise menor, às vezes até acerta mais do que quem tem boa, mas esse é outro assunto. De modo geral, perfis bem definidos, os grupos sociais de leitores do *Correio da Manhã* e de *O Globo* eram convergentes.

O *Correio da Manhã* vai continuar a tomar atitudes muito corajosas como no caso das primeiras denúncias sobre a tortura, na matéria que o Márcio Moreira Alves foi fazer em Pernambuco. Qual o reflexo dessas atitudes na história que o *Correio* vai começar a ter de embate com a ditadura? Qual foi a repercussão, por exemplo, de denunciar as torturas logo no início da ditadura, ainda em 1964?

A repercussão junto à opinião pública foi enorme e ainda no início esperávamos que o processo de deposição do João Goulart fosse um processo que se extinguisse com a sucessão de 1965, mas não foi isso. Como é impossível separar a política da economia e dos interesses econômicos, ninguém analisará coisa alguma se não colocar na lente o ângulo econômico da questão. Em 1964, o Jango motivou a queda do Jango... ele cometeu uma série de erros simultâneos. Rompeu com a hierarquia militar, rompeu com o capital privado, desapropriou refinarias de São Paulo, Catuaba; estabeleceu um decreto que previa a desapropriação de terras às margens dos açudes, das ferrovias e das rodovias, enfim, ele atentou nesse campo econômico. A queda do Jango estabeleceu implicitamente uma aliança entre o

segmento militar que temia a ruptura da hierarquia (uma coisa grave, inaceitável), mas chegou a haver uma união com o capital, externo e interno, que também se julgava ameaçado pelo João Goulart. O interesse econômico ficou bem definido no esquema de 1964: uma aliança militar com a área econômica. O professor Carlos Fico disse que 1964 tinha sido uma utopia do poder militar. Nada disso, foi utopia nenhuma, foi um realismo absoluto. Houve a ocupação da administração pública, da administração civil pelos componentes militares, utopia é que não houve. Foi um movimento bastante consciente no sentido de defesa dos interesses. A democracia passou ao plano secundário. Essa união, esse complexo da tecnocracia com o militarismo foi que levou a 1964 e que prorrogou o regime de exceção até, primeiro até 1979, na posse do Figueiredo, e depois até 1985, quando terminou o ciclo dos militares no poder, com a posse do Sarney na presidência da República.

Você se lembra do episódio da demissão do Cony e do Callado no *Correio da Manhã*?

Lembro, foi em 1965. Foi o seguinte: a Niomar tinha um amigo, Nelson Batista, pai desse diretor de banco, esse é filho dele. O Nelson Batista, que era um homem extraordinariamente simpático, freqüentava altas rodas, era muito conhecido na sociedade, muito agradável, viajado. Mas ela tinha encarregado o Nelson Batista de ver se conseguia publicidade para o jornal, porque nós chegamos num ponto importante. Com o rompimento do *Correio da Manhã* com o regime de 64, isso acarretou implicitamente o rompimento com o segmento militar e também econômico, então, começou a refletir na escassez de publicidade. Sem publicidade nenhum órgão se mantém, é inútil achar o contrário. Você tinha até um campo, os jornais tinham que ter um espaço mínimo de publicidade vendida de 30, publicidade comercial, institucional, mas tem que ter, se não se sustenta. Eu acho que esse critério permanece até hoje. O *Correio da Manhã* começou a sofrer um cerco publicitário grande. A Niomar, tentando romper o cerco, achou que o Nelson Batista seria a pessoa adequada para isso, dado o seu relacionamento com empresários, pessoas ricas; uma ilusão. Ninguém obtém publicidade, o dinheiro é uma coisa à parte. Se a audiência der uns pontos para baixo, qualquer rede, da *Rede Globo*, reflete imediatamente na publicidade, não há como, ela se desloca atrás do público. Mas ela incumbiu o Nelson Batista disso. O Nelson Batista, segundo versão dele, teve um almoço no *Country Club* com empresários americanos, levando um esboço de proposta para que programassem o *Correio da Manhã* como veículo publicitário de empresas que eles possuíam ou com as quais eles se relacionavam. No dia desse almoço, segundo versão do Nelson Batista, o Cony publica um artigo, ele escrevia dia sim dia não uma coluna no *Correio da*

Manhã, quando ele escrevia, a vendagem do jornal aumentava muito, da arte de falar mal. O Cony, então, publicou no *Correio da Manhã* uma crônica: “Nova Constituição”, uma coisa assim, que começava dizendo assim: “o nome do país é Estados Unidos do Brasil, vamos mudar, o sistema do regime de 64 vai mudar, ao invés de Estados Unidos do Brasil vai se chamar Brasil dos Estados Unidos”. E foi por aí fazendo o humor na crônica, mas o Nelson Batista chega com isso no jornal: “Meu Deus, não está vendo? A Niomar me incumbiu de fazer o relacionamento publicitário e quando eu sentei na mesa do *Country Club* alguém lá mostrou: ‘mas esse artigo aqui hoje, empresa americana...’”. Pronto. A Niomar ficou uma fera com isso e resolveu demitir o Cony. Mas o Callado já tinha sido o redator chefe antes do Bahia, e tinha voltado, com a Niomar. O Callado, não podendo impedir a demissão do Cony, demitiu-se também. Se não me engano foi março de 65, esse artigo serviu até para o Cony requerer uma indenização de perseguido político. Eu até assinei, atestei de que havia tido esse motivo. Mas, não era motivo, ao meu ver, para a pensão excepcional do INSS, porque tinha sido demitido por uma proprietária de uma empresa particular, não tinha sido demitido pelo governo, ele não era funcionário público. Ele não foi cassado, mas mesmo assim ele se utilizou e obteve, quem assinou fui eu. Mais alguém deve ter assinado. Mas a verdade é que ela ficou furiosa pelo fato desse artigo e como ela agia assim de arrancos, era muito difícil lidar com ela. Aliás, a curta distância você sentia o perigo latente que era a pessoa. Há pessoas que passam isso e ela era uma delas. O Cony foi demitido nesse episódio.

Esse episódio é diferente daquilo que muitas vezes as pessoas acham, que teria sido por pressão direta dos militares...

As pressões militares houveram, mas ela não demitiu por isso. O fato exato é esse que estou narrando, foi por causa dessa crônica que ela se irritou, pelo que aquilo significou, segundo disseram a ela, que não é verdade. Não é verdade porque a publicidade não ia entrar, primeiro porque o jornal combatia o governo ditatorial; estava contrariando também o segmento econômico que formava com o governo. O Roberto Campos era o primeiro ministro do governo Castelo Branco, tinha sido embaixador do Jânio em Washington até o dia em que o Jânio caiu. Dormiu como embaixador do Brasil em Washington, acordou como ministro do Planejamento do governo Castelo Branco. Essa coligação tinha se configurado. O bloqueio à publicidade não era uma coisa que partisse apenas de interesses de empresas e o jornal vinha perdendo tiragem, qualidade, colaboradores. Não era mais o mesmo jornal, estava numa posição muito engajada. E jornal não pode se engajar tanto assim, porque ele tem que refletir a sociedade. Muitas pessoas por aí dizem: “O

culpado foi a mídia, o culpado foi a mídia”, não é a mídia, nós jornalistas, eu, você, outros, não inventamos nada, nós somos um espelho do que acontece na sociedade, nós refletimos essa realidade, nós não forjamos essa realidade, não produzimos, nós refletimos. O *Correio da Manhã* não estava interpretando mais os interesses dos grupos econômicos que estavam no poder, era natural a restrição da publicidade. Teria que haver uma redução de custos na redação, mas seria preciso critério e não havia critério nenhum. Com a Niomar era muito difícil haver critério. um dia, um rapaz, Renato Reis Teles (já morreu, morreu até num acidente de automóvel), era o chefe de reportagem e a Niomar tinha incumbido que a reportagem cobrisse o batizado do filho de uma empregada dela, tivesse texto e legenda. O rapaz esqueceu, o chefe da reportagem esqueceu isso na pauta e não cobriu. Ela mandou demitir o Renato. As pessoas não calculam o seguinte: a atividade jornalística é uma atividade de alto risco, você vê aí fora, fotógrafo, principalmente, como se expõe. Quantos já morreram, quantos já sofreram atentados. E isso no plano da atividade profissional exposta. Mas e aquela atividade interna, em que um erro às vezes custa o emprego? O jornalista, cada vez que entra, está jogando o seu emprego numa disputa que ele pode falhar. Imagine você entrar numa atividade em que você não possa errar. Veja o que aconteceu há pouco no negócio da Olimpíada com o Diego Hypólito. O sujeito num esporte coletivo como o futebol pode cometer 3, 4 erros e sair até como herói da partida, não tem importância. Mas num esporte individual, de classificação unitária, não pode haver um erro, é completamente diferente. O jornalista é isso, era essa atmosfera. O *Correio da Manhã* vinha mal e a tendência era perder publicidade, como perdeu.

Quando a Niomar, por exemplo, toma essa atitude de uma demissão que não foi nem por pressão dos militares, foi contrariando um plano dela, isso causa um constrangimento dentro da redação?

Muito grande, porque se o cronista principal do jornal, que vinha com uma atuação muito grande em favor das liberdades públicas, contra as torturas, contra as prisões, contra o arbítrio, sofre, por causa de um artigo, uma demissão, todos nós sentíamos que nós estávamos no fio da navalha. Se está pouco a *Servidão humana*, do William Somerset Maughan, olha aí outra obra do William Somerset Maughan: *Fio da navalha*. O sujeito sentia-se no fio da navalha, sua cabeça sempre em risco. [Isso] influenciou muito na disposição do jornal, porque o jornalista tem que criar para ser bom, criar, avançar, mas quando você está sob risco, você não avança, você começa a jogar a rotina, porque se você não se arrisca você teme menos uma consequência; se acertar uma coisa muito importante, não vai adiantar

nada, se errar pode perder o emprego. Era ao contrário do Bahia. O Bahia entusiasmava a redação, a Niomar atemorizava a redação.

Talvez, possa arriscar a pensar que não era só uma marca da Niomar. Será que a gente pode dizer que durante a ditadura militar os donos dos jornais impuseram uma autocensura aos seus jornalistas?

Acho que sim. Houve um episódio em 1965 em que o Roberto Marinho resistiu muito, teve até um atrito com o Ministro da Justiça, que era o Juracy Magalhães, por causa de pessoas da esquerda que trabalhavam no jornal. Uma [foi] o Franklin de Oliveira, considerado de esquerda e era um liberal, mas foi cassado na primeira leva, logo, junto com o Jango, com o Prestes. Imagine, atribuíram uma importância ao Franklin que ele também não tinha. Tinha como editorialista, não como figura política. Eu acho que houve, mas sempre havia uma tentativa de se contornar, de se evitar, escapar da censura. Censura é uma coisa abominável, foi muito praticada, principalmente, em cima da *Tribuna da Imprensa*, que teve um jornal mutilado [durante] anos, durante os governos Médici e Geisel: espaços em branco enormes. Ganhou uma ação na justiça e até hoje não recebeu, 29 anos depois da vitória. Mas influía, a imprensa tinha comedimentos. O *Correio da Manhã* era muito visado e tinha elegido dois deputados federais que terminaram desaguando, principalmente, um deles, o Márcio Moreira Alves, na crise de 1968, que agravou o processo todo. O jornal já estava enfraquecido, mas mantinha leitores ainda, e depois foi arrendado. Ela não agüentou mais as dívidas. Não havia solução econômica para o jornal. E com ela era um diálogo impossível. A demissão do Cony foi um erro dela muito grande.

Já há censura dos militares ao *Correio da Manhã* mesmo antes do AI-5?

Não, só depois do AI-5. A censura ostensiva só depois do AI-5. Antes, no AI-2, havia movimentos militares, insatisfações com esse ou aquele outro artigo, mas censura presente assim não.

Você lembra da noite do AI-5?

Lembro. Eu tinha chegado de Salvador e quando soube da crise, eu tinha um amigo no *Correio da Manhã*, o José Lino Grunewald, que estava muito preocupado, tinham invadido o jornal, dado tiro no teto, prendido o Peralva... Aí passou a haver a ocupação militar do *Correio da Manhã* e puseram censores ostensivos, até usando um coronel, usando uma farsa; primeiro o sujeito tentava se fazer de simpático, chegava a polícia procurando alguém e ele: "Não, não entra aqui. Eu não permito". Aí dizia: "Ó, está vendo, esse coronel é bom, não quer que prenda". Nada! A

censura é uma coisa odienta, odiosa, repugnante. Tanto que você vê o seguinte: em toda a história universal, muito antes do Cristo, desde o teatro grego, você não encontra nenhum exemplo de obra de arte, obra literária, pintura, escultura, livro, documento jornalístico, documento de publicidade que tenha sido censurado e depois não tenha sido exibido ou vinculado livremente. Não existe nenhum exemplo, todas as obras que foram censuradas ou por questões de sexo ou por questões políticas terminaram, ou científica ou políticas, Freud no caso na Alemanha, acabaram sendo veiculadas livremente. Nem tanto recorrendo a exemplos de ditadura militar, mas à visão moral. Eu me lembro que em 1941, eu tinha sete anos, tinha aprendido a ler e estava lendo e foi exibido no Rio um filme francês famoso: *A mulher do padeiro*. Era a história de uma mulher casada com o padeiro, mas que se envolveu com uma pessoa qualquer da comunidade. O padeiro descobriu, caiu em depressão, ficou triste e resolveu não fazer o pão na cidade. Então, houve um movimento na cidade para ele voltar a fazer o pão. Fizeram até uma marchinha de carnaval, "A mulher do padeiro", foi um sucesso no Rio. Eu ia ver filme em série, desenho animado no Cine Trianon, na Rio Branco, onde hoje é um prédio do Bradesco, ao lado do Teatro Nacional de Comédia, que era um cinema, Parisiense. Esse Parisiense exibia a "Mulher do Padeiro", mas eu aí vi: proibido até 21 anos, sessões só para homens. Quer dizer, a sublimação da mulher era uma coisa. Eu perguntei ao meu avô: "Escuta, vai custar muito chegar até 21 anos? Eu quero ver esse filme"; "Não, não vai custar muito não. Faltam só 14 anos". Muitos anos depois, uma vez em Paris, eu assisti e uma vez aqui num Festival do Cinema do Museu de Arte Moderna, promovido pela Niomar, em 1959, eu fui ver primeiro aqui, e depois em Paris, quando fui. Hoje *Mulher do Padeiro* a censura é livre, não tem nada, nem 5 anos, não tem nada de mais. Em 1959 também, o Festival Francês teve um filme do Louis Malle, casado com Jeanne Moreau, que fez 80 anos outro dia, é *Les Amants, Os Amantes*. É uma seqüência também em que a mulher se apaixona por um sujeito. Tem umas cenas dela na cama com o ator, com o amante, e foi um escândalo. O cardeal do Rio, Dom Jayme Câmara, botou um movimento, iam proibir o filme, levaram o assunto ao Juscelino. "Não pode proibir também"; "Então, censura, censura 18 anos"; "Publica uma recomendação da Igreja contra o filme". O *Les Amants* passa com censura hoje a partir de 5 anos. Não há motivo para 5 ou 6 anos de idade, não tem nada de mais. Então, a visão moral muda com a época, a censura é sempre repugnante. A obra de arte, a obra política livre está sempre adiante do tempo, a censura está contra o seu tempo. Contra a censura, a respeito da censura só posso usar a expressão do filósofo Ibrahim Sued: "para a censura sempre bola preta".

Qual foi o efeito da censura sobre o jornalismo político?

Foi grande, mas como os jornalistas políticos, como no caso do [Carlos] Castello Branco], têm uma certa habilidade em escrever, sempre há um jeito de escrever, mesmo na censura, que não foi só militar. A censura de Vargas, de 1937 a 1945, é preciso falar, Vargas nos lançou em 15 anos de ditadura. A Revolução de 1930, depois ele foi eleito e havia liberdade de imprensa, ele foi reeleito em 1934 novamente e estabeleceu o Estado Novo em novembro de 1937. Aí a censura à imprensa durou até 1945. Um jornalista era preso, outro era preso. O David Nasser era preso... o Filinto Müller, o chefe de polícia, obrigou ele a comer jornal. Depois escreveu um livro cujo título é fantástico: *Falta alguém em Nuremberg* (tribunal de Nuremberg, dos nazistas). Era o Filinto Müller, o chefe de polícia. A censura teve efeito grande, mas sempre se levava, conseguia-se fazer e escrever alguma coisa, mas havia momentos profundamente repugnantes. Em 1973, por exemplo, eu era editor do *Correio da Manhã* e tinha uma ordem da censura proibindo, mas nós furamos. Eu e o Cascon fomos chamados à Polícia Federal. Era o caso do assassinato de uma menina de seis anos, em Brasília, Ana Lídia, cujo principal suspeito era o Alfredo Buzaid Júnior, filho do ministro da Justiça. Aí a censura saiu fora do controle político e passou a ter o controle governamental. O filho de um membro de um governo era acusado de um assassinato terrível, incluindo violação sexual e estrangulamento, e a notícia era proibida porque o sujeito acusado era filho do ministro da Justiça do governo Médici. Veja os efeitos que a censura causa.

Fala um pouco do Carlos Castello Branco, da importância dele como cronista político.

Ele foi o papa dos jornalistas políticos, dos articulistas políticos, colunistas políticos pelo estilo, sobretudo, redondo, leve, a palavra exata no momento certo, um compromisso com a ética, com a liberdade de imprensa. A Dora Kramer, que o substitui no *Jornal do Brasil* herdou isso dele, quando a questão se desloca para o plano ético, ela vem ao nível que o Castello escrevia. Falta um pouco uma profundidade de dados mais concretos, como o Castello também não ligava muito a dados mais concretos, de processos, de pesquisas. Dava para ele, ele usava, mas ele foi admirado pelos próprios companheiros, pelo estilo de escrever, ele escrevia magnificamente. Era uma leitura obrigatória que todos nós, todos os leitores tinham, era enorme o interesse em torno do que ele escrevia, até porque ele dava o tom da política nacional. Lendo pelo que você constatava ou pelo que você supunha que estivesse atrás das linhas, você conseguia chegar a um tom musical da política do país naquele dia, nessa direção, naquela direção... Ele tinha grande

prazer em fazer aquilo. Ele influenciou muito, muitos tentaram ser Castello Branco, e a Dora Kramer conseguiu captar aquele estilo redondo, leve, recorrendo a imagens fora do contexto político para nele colocar. Perfeito, foi um jornalista extraordinário, grande importância.

Como era para conseguir fontes durante a ditadura militar? Imagino que fosse uma coisa muito difícil...

Acho que não. A fonte sempre haverá em qualquer circunstância. Poder circular é outra coisa. Há uma diferença essencial entre a informação jornalística ou administrativa e a informação publicitária. Como na matemática, existe o axioma, que você afirma e não necessita comprovar; e o teorema, que você precisa comprovar na prática. Na publicidade, o anunciante é o melhor, as suas condições de pagamento são as melhores e fica por isso mesmo, ele vai em frente. Mas, na parte política, é um teorema: você tem que procurar comprovar o que diz.

A fonte nunca desaparecerá, porque há um prazer até mesmo sensual no ato de passar a informação. Isso ninguém consegue reter. A informação vaza, sempre vazará. Eu me lembro em 1945, no final da Guerra, um dia estava no Lafayette, onde eu estudava, na Tijuca, onde eu morava também, na Paulo de Frontin, e surgiu a notícia de que a guerra tinha acabado, 22 de abril de 1945. A Inglaterra desmentiu, a Alemanha nazista desmentiu, não se rendeu, acabou no dia 8 de maio. De 22 de abril a 8 de maio não há nenhum ato assinado por Hitler a respeito de coisa alguma. Ele morreu mesmo no dia 22 de abril, suicidou-se, isso hoje já se sabe, dentro do covil dos abutres, como Churchill chamava o *bunker*. Mas a informação vazou e não havia televisão, não havia nem telex. Telex chegou no Brasil em 1960, de 1959 para 1960. As comunicações, as agências de notícias eram por cabo submarino. A notícia vazou, passou para o rádio e 40 minutos depois o sujeito estava dentro do *bunker* e a informação passou. A informação sempre passará. Você pode não publicar hoje, mas você consegue uma maneira, pega um pretexto, tira uma sinonímia aqui e vai lá. Eu me lembro que quando o Geisel foi escolhido para ser presidente da República, isso tinha proibido, e nós, no *Correio da Manhã*, a história que nós, eu e o Cascon, inventamos é que se tinha procurado, na Biblioteca do Congresso, um livro que era uma peça do Oscar Wilde: *A importância de ser Ernesto*. Então, era Ernesto, o Geisel. Você tinha a informação, que de alguma maneira era passada. A fonte nunca desaparece. Ela pode não aparecer como autor daquilo, embora, a pessoa suponha: "aquilo saiu assim só pode ter sido fulano, aquilo o estilo só pode ter sido sicrano", mas a fonte vai existir sempre.

Com a entrada do Geisel, começa a lenta distensão política. Qual vai ser o papel da imprensa nesse processo?

O papel da imprensa foi noticiar a atuação do governo contra as torturas. Principalmente, dois casos fatais em São Paulo: do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, dois assassinatos praticados nas dependências do II Exército, que levaram à demissão do comandante do Exército, Ednardo D'Ávila Mello, e sua substituição pelo Dilermando. Ali já se sentiu que a ditadura estava se aproximando, estava desabando, ela não podia mais manter o esquema Médici, até porque o esquema Médici também se mantinha muito em função da guerrilha, que foi uma loucura. A guerrilha brasileira só fez acirrar o poder militar, não conseguiria derrubar regime nenhum, como se fosse uma Revolução Cubana, essa sim uma utopia. E quanto mais as ações de guerrilha se verificavam, mais a repressão se intensificava, mais o poder militar se cristalizava no poder. Mas começou a desabar, até que foi condenado internacionalmente, nos debates da sucessão americana de 1976, pelo Jimmy Carter. Aqui e Pinochet. Aquilo repercutiu no mundo inteiro. A abertura brasileira começou primeiro com o Geisel contra as torturas, mas não retirou a censura nem da *Tribuna da Imprensa*, nem da *Veja*, nem d' *O Estado de S. Paulo*. Embora *O Estado de S. Paulo* e a *Veja* tenham sido indenizados, a *Tribuna* conseguiu ganhar na justiça, mas não recebeu até hoje. Incrível, não? Mas, o regime militar desabou mesmo, quando sentiu que Washington não apoiava mais a ditadura. Teria que haver uma abertura e houve, de fato, com o Geisel. Ao passar para o Figueiredo, terminou o poder do presidente de cassar, a censura à imprensa, terminou tudo. O fato da repressão e da tortura por parte do Geisel ia ao encontro do sentimento de liberdade que rege a atividade jornalística, que rege a imprensa, então, ele encontrou aí o respaldo para a sua política. O Geisel - depois o livro do Gaspari mostrou - queria soluções radicais, morte até de guerrilheiros, mas não aparentes como a repressão. Mas ele, por sua vez, era gravado pelo chefe da Casa Civil, o general Golbery do Couto e Silva. Conversas particulares, na casa do sujeito. (Essas gravações que ocorrem por aí já têm uma precedência muito grande até por parte do chefe da Casa Civil). Com que intenção ele gravava as conversas do presidente? Para quê fazia isso? Aliás, falar em chefe da casa civil é uma função difícilíssima. Eu me lembro que o do Juscelino foi o Álvaro Lins, editor do *Correio da Manhã*. O jornal tinha tanta força que conseguiu e levou-o a Juscelino; o Paulo Bittencourt e a Niomar levaram a indicação do Álvaro Lins para chefe da Casa Civil. Juscelino nomeou. No início do governo, naquele tempo, o chefe da Casa Civil, não tinha nem status de ministro, depois passou a ter, com o Castelo Branco, por causa do Luiz Viana Filho, para não perder o mandato de senador. O Álvaro Lins um dia convoca uma reunião ministerial dentro do Palácio do Catete. O Juscelino não sabia

da reunião e, a partir daquele dia, começou a tratar da substituição do chefe da Casa Civil. O governo Lula era o José Dirceu, uma espécie do capitão do time como dizia o Lula, espécie de co-presidente. O Golbery gravava as conversas do Geisel, era um caso de Shakespeare, do Júlio César, da peça famosa, imortalizada no papel do cinema com uma atuação do John Gielgud no papel de Cássio, no filme do Mankiewicz, que tem o famoso discurso do Marco Antônio, Marlon Brando no papel do Marco Antônio. É uma função difícilíssima de exercer, o sujeito tem que estar muito por dentro das coisas, os exemplos estão mostrando e esse é um deles. O Geisel teve a conversa gravada, mas ele conseguiu levar. Situando a questão da *Tribuna da Imprensa*, ele conseguiu vencer os obstáculos que foram colocados a ele. No episódio da morte do Herzog e do Manoel Fiel Filho, ele demitiu o comandante do II Exército, depois demitiu o ministro do exército, Sílvio Frota, dois episódios difíceis de enfrentar. Depois, demitiu o chefe da Casa Militar, Hugo Abreu. Três. Quarto, impôs o Figueiredo, que nem general do exército era, e o promoveu na frente de todo o mundo, e ainda fez o Figueiredo presidente da República. Então, teve quatro episódios que ele mostrou que na área político-militar ele foi um homem predominante, inegavelmente. Terminou com censura, ao passar para o Figueiredo, terminou com o regime de exceção e encaminhou o fim de um processo que estava realmente desabando, porque ele não tinha um conteúdo, não tinha base popular necessária para se manter. Qualquer regime para se manter depende da opinião pública e dependerá eternamente. A opinião pública é que é, sem saber direito o seu papel, o juiz das decisões nacionais. Foi assim que a ditadura desabou e houve a abertura.

Qual foi o efeito das eleições de 1974?

[O ano de] 1974 foi muito importante, porque a campanha eleitoral que havia retornou a televisão, e passou a haver oposição no país, que se organizou. MDB se organizou, Ulisses Guimarães e Barbosa Lima Sobrinho foram os candidatos simbólicos na presidência da República, na eleição que o Geisel venceu no colégio eleitoral, Congresso. Acontece que aberto o sistema com a televisão, o país tinha se urbanizado muito, e a força da Revolução de 64 era a Arena, um partido rural que estava sendo tragado pela urbanização do país. Quando houve o restabelecimento democrático em 1945, o eleitorado rural pesava 70%, o eleitorado urbano 30%, hoje é o contrário, o eleitorado urbano é 80%, o rural é 20%. A base da Arena foi diminuindo na realidade eleitoral do país, esse é um aspecto. Segundo, teve a Rede Globo, que urbanizou o país, sobretudo com as novelas, a linguagem foi unificada, as pessoas passaram a ter um comportamento urbano em função dos personagens que apareceram ali. Foi um fenômeno sociológico muito importante essa

contribuição da Globo. Com a liberdade democrática, o povo revelou a sua insatisfação com o sistema militar. A derrota do sistema de poder militar nas urnas foi muito grande. O que o Geisel fez foi terminar com a campanha pública na televisão. Na eleição de 1970, esse é um dado importante, o número de votos brancos e nulos foi 32%, o mais alto da história. Com a vitória da Copa do Mundo, o país foi mal nas urnas, e se você somar a abstenção que naquele tempo era grande, a maioria absoluta do eleitorado não votou a favor: ou se absteve ou então votou branco e nulo, 32% de brancos e nulos. Na eleição de 1974, com a campanha aberta na televisão e com a sensação popular de que o voto tinha voltado a valer, o número de votos brancos e nulos desceu de 32 para 14%, mesmo assim muito alto. Mas desceu para 14%, perdeu mais da metade e a oposição ganhou em 16 estados. O governo fechou, tirou a campanha da televisão, tanto que os brancos e nulos de 78 voltaram, subiram de 14 para 20 e depois desceram com a abertura. Hoje o branco e nulo está na taxa aceitável, não passa de 10, hoje até é menor; é seis, sete... e a participação é muito grande. Em termos de abstenção, é bom chamar a atenção para um aspecto importante. A abstenção brasileira é praticamente igual a zero, o voto é obrigatório. Nos Estados Unidos você vai ter uma eleição agora em novembro que vai dar mais ou menos o que dá sempre nas eleições para presidente, uns 40% de abstenção, o voto não é obrigatório. Mas no Brasil o voto é obrigatório e a abstenção é muito pequena.

Havia me referido na comparação de 1970 com o que veio depois: o problema se manifestou... a descrença do voto, então, não adiantava nada votar. Em 1974, houve a sensação de que o voto valia e valeu mesmo, a abertura partiu daí, é um processo. As coisas não são isso ou aquilo, as coisas são isso e aquilo. As coisas são atmosferas, como se você vivesse em momentos sensuais, não se trata apenas de uma fixação de um homem em uma mulher, trata-se de uma atmosfera que existe entre um homem e uma mulher. É uma coisa diferente. O voto é assim, ele tem uma característica sensual ou parassensual em que o eleitor sente afinidade com o candidato e ele muitas vezes não sabe por quê.

O caso agora com o Estados Unidos: Barack Obama tinha tudo para a candidatura não pegar, pegou e está aí, onze pesquisas foram publicadas e não há uma em que ele não esteja na frente. Não quer dizer que ele vá vencer a eleição, isso nós vamos ver depois na urna, mas estou dizendo que as barreiras existentes sejam raciais, sejam de idade, sejam ideológicas, elas foram superadas pelo candidato. Tanto é que andam interpretando pesquisas de forma errada, se a população americana é 66% branca, o Barack Obama, para estar na frente 47 a 41, não é possível que não tenha sido aceito pelos brancos, senão ele não poderia estar na frente. Ele foi aceito pela sociedade. Mas por quê? É um mistério, o voto é um

mistério, uns entram e mandam, arrematam, outros entram e não arrematam. Isso é inexplicável. Muitas vezes, a gente vê, escreve cadernos inteiros, páginas inteiras de porque isso é aquilo, porque é formado em Harvard, porque não sei o quê, porque é o conjunto disso... O voto é uma coisa espontânea, é uma manifestação intuitiva e uma manifestação parasensual, não tem muito o que elaborar em torno disso.

Durante a ditadura havia pesquisa eleitoral?

Havia. Não havia eleição para cargos executivos, o governo militar fraudou o processo político, ele não podia perder. A contradição do governo é que levado ao poder pelo segmento militar, ele não podia perder sem deixar de colocar o segmento militar em risco. Então, o que acontecia: ele ia perder nas capitais... O que fez o Médici? Acabou com as eleições nas capitais. Se ele abrisse a televisão perderia, fechou a televisão. Mas isso tudo tem um preço que é o desgaste. Você não pode forjar a realidade, mudar a realidade, você tem que ir ao encontro dela. Ninguém pode ser árbitro da realidade de um país, nem de uma família. Você tem que conviver com a realidade dos segmentos que formam a sociedade. O governo militar não convivia, ele queria impor a sua vontade e isso não deu certo. As pesquisas se realizavam e se realizaram até que o Figueiredo abriu o voto dos governos estaduais, mesmo com o voto vinculado. Não adiantou. Venceu Brizola, é um exemplo.

**Você estava na Rádio JB na época do Proconsult? Como foi esse episódio?
Como foi o comportamento dos veículos também durante essa eleição?**

Estava. O editor do *Jornal do Brasil* era o Paulo Henrique Amorim e o editor da rádio *Jornal do Brasil* era o Procópio Mineiro. A atuação tanto do *Jornal do Brasil* tanto da rádio foram ótimas quanto à tentativa de fraude da Proconsult. O *Jornal do Brasil* tinha montado um sistema de acompanhamento eleitoral magnífico: cédula, eleitor, todas as seções, todas as juntas eleitorais estavam cobertas pelo sistema, não havia nenhuma hipótese de haver erro, eram fatos, eram números que surgiam e nós acompanhando. Nessa altura, as pesquisas apontavam, como se confirmou, uma vitória do Brizola por cinco pontos, 31 a 26, não havia maioria absoluta naquele tempo, naquela eleição. As apurações começaram. A *Rede Globo* começou botando o Moreira Franco na frente, criou uma confusão porque a divisão era a seguinte: o Brizola vencia fácil no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense e perdia no interior do estado. Então, a *Globo* botava os resultados do interior do estado antes de pegar o Rio de Janeiro, estava falsificando, tanto que o diretor da *Globo*, o Homero Icaza Sanches, dirigiu-se a Brizola e disse: "Olha, estão querendo garfar

“você”. A *Globo* soube disso e demitiu o Homero. O Homero pode confirmar isso, é fato público. No *Jornal do Brasil*, havia o diretor do centro de informática, do cérebro eletrônico que se chamava (está vivo, acho que está) Tadeu Lanes. De repente, na sexta-feira, poucos dias depois da apuração - não é como hoje, automático e voto eletrônico, tinha que se apurar o voto manual -, eu disse ao Amorim: “eu acho que o Brizola vence(...) o Ibope acerta pesquisando com 1000 pessoas, aqui já está 10% da apuração, então, é uma amostra fantástica, não há no mundo uma amostra dessas. Eu acho que está consolidado, vamos em frente”. Eu notei que na sexta-feira, a apuração já estava no terceiro dia, tinha ¼ da apuração já feita, era lento. Eu senti na atmosfera que estava surgindo algum tipo de pressão. Eu procurei o Paulo Henrique Amorim, que hoje está na Record, e escreveu um livro sobre isso até, me citando, e disse: “Olha, Amorim, só há uma maneira de se fraudar uma eleição, única, majoritária, é preencher os votos brancos”. Tanto que depois daquele episódio ninguém mais quer votar em branco, anula, mas não vota em branco. Agora fica mais difícil porque a urna é eletrônica não pode preencher, mas naquele tempo era fazer um xis na célula. Então, eu disse a ele: “Vamos prestar atenção, porque eu estou sentindo que uma pressão está subindo aqui. Tem alguma coisa no ar. Votos branco está dando uma base de 7%, nulos 5%, e estava dando um total de 12%. Os brancos eram maiores que os nulos. Se o voto branco baixar, fraudaram a eleição, se não baixar(...)”. Estava em casa de manhã e me chamaram: “Venha mais cedo para o *Jornal do Brasil* hoje”. Peguei o carro e fui. O Amorim disse: “Olha, acho que a Proconsult chegou aqui. O diretor do cérebro eletrônico, Tadeu Lanes, está querendo fazer uma reunião conosco. Eu não quero ir, vai”, disse o Amorim, “Vai você e o Hedyl Rodrigues do Valle Júnior” (esse rapaz já morreu num acidente de automóvel). Cheguei lá em cima e o Tadeu disse: “Olha, eu sei que o sistema do Ibope é diferente do sistema da Proconsult”, eu disse: “Como?”; “Por exemplo, São João de Meriti para Proconsult é interior, para o Ibope é Baixada Fluminense”, eu disse: “E daí?”; “Se você puser eu apurando a eleição sozinho eu demoro 1 ano ou 2 fazendo, se você puser um computador da Nasa termina em 2 horas e o resultado é o mesmo. Então, se São João de Meriti for para o interior, diminui a margem de vitória do Brizola na Baixada, claro, mas diminui a diferença em favor do Moreira Franco no interior, e uma coisa compensa a outra”; “Mas nós temos que ter cuidado, o *Jornal do Brasil* vai fazer 100 anos”, estava com 90 anos, 90 e tanto. Aí o Hedyl disse: “os argumentos são ponderáveis, mas nós vamos ficar com a projeção do Pedro do Coutto. Eu acho que ele está certo”. Levou ao Amorim e ele disse: “Está certo, vamos em frente”. Naturalmente avisaram o Nascimento Brito e a manchete do *Jornal do Brasil* foi “Brizola consolida vitória”, um texto meu. Afastada a perspectiva

de fraude, na terça-feira, o Nascimento Brito demitiu o Tadeu Lanes do cargo de diretor do cérebro eletrônico do *Jornal do Brasil*. Foi importante a atuação do *Jornal do Brasil* para desmascarar uma tentativa de fraudar uma eleição, que era impossível. Mas passou na cabeça de pessoas que tentaram isso, não se sabe como, talvez, porque o arbítrio aí vai conduzindo a pessoa a um valor absoluto. A pessoa tem que ter muito cuidado com o poder que tem. O poder tem que ser usado para construir, não para proibir, tem que ter muito cuidado com o deslumbramento econômico. Às vezes tem um sucesso muito grande e pensa que tudo vai se resolver, o sujeito cai na fantasia, é preciso ter um cuidado, para ter limites. Dizem que no cinema, no período que o Sean Connery fez o James Bond ele ficou complicado, porque aquelas mulheres todas, fantásticas, ao lado dele e dorme com essa, dorme com aquela, de repente, na vida real, ele queria ser o James Bond também, mas não é a mesma coisa. A mulher também queria que o sujeito fosse dentro da vida real aquilo que ele era na tela, mas não era, era uma coisa diferente. O sujeito tem que ter cuidado para não deslumbrar, tem que ter o limite dele.

O caso da Proconsult foi a *Rede Globo* achar que poderia mudar o destino de uma eleição. Não pode, porque - graças a Deus - para todos nós jornalistas, somos leitores também. Nunca houve e nunca haverá nenhum veículo de informação, por mais forte que seja, seja o *NY Times*, seja a *Rede Globo*, que seja mais forte que a verdade. Não haverá, e por isso que nós podemos respirar. Senão, nós seríamos escravos da mídia o tempo inteiro. Há uma pluralidade, a verdade é mais forte que o veículo e o episódio Proconsult demonstrou isso. Um trabalho muito importante do Paulo Henrique Amorim. Eu tenho muito orgulho da minha participação naquele trabalho. Foi um trabalho muito importante contra uma tentativa de fraude escandalosa.

Qual a sua avaliação sobre a experiência de arrendamento do *Correio da Manhã*?

A experiência foi péssima para nós todos, o jornal acabou. Para a Niomar, que teve um prejuízo brutal; para os arrendatários, que perderam um dinheirão, grupo Mauricio Alencar, irmão do Marcelo Alencar, Metropolitana de Construções; todo mundo perdeu. Ganharam o *Jornal do Brasil*, que ficou sem o principal concorrente matutino; *O Globo* subiu, captaram leitores. Para o *Correio da Manhã* foi péssimo, o arrendamento foi feito em 1969, e por incrível que pareça, o grupo não tinha noção nenhuma de jornalismo, nem o próprio Marcelo Alencar, que era amigo de jornalistas. Se tivesse, não teria entregue o cargo de redator chefe ao (já morreu) Paulo Germano Magalhães. Ele é o pior redator chefe da história do jornalismo

universal. Não tem paralelo, é indescritível o que esse cara fez. Havia os editoriais, Franklin Oliveira, José Lino Grünewald e eu - que quando o Franklin foi operado indicou a mim para substituí-lo - e um dia ele [Paulo Germano] apareceu com um texto que era uma tese, trecho, uma parte, eram 66 linhas, editorial, geralmente 70 linhas, abrindo a página 6. Ele apareceu com um texto nessa dimensão que ele extraiu de uma tese da Escola Superior de Guerra e disse: "Este é o editorial de amanhã". A gente ficou perplexo: como um jornal na mão de um homem desse pode ter algum êxito? É impraticável, I-M-P-R-A-T-I-C-Á-V-E-L este homem, não tinha noção de nada, era um burro. É difícil eu dizer esse conceito de alguém, mas ele era totalmente burro, idiota, imbecil. Paralelamente a ele e contra ele tinha um editor gráfico, Reynaldo Jardim, uma loucura. O homem bolou um projeto para o *Correio da Manhã* inexecutável, eram títulos cortados, 17, 22 batidas, e fotos, fios duplos, fios não sei o quê. O jornal foi arrendado no final de 1969. Poucos meses depois, em abril de 1970, ele registrou um prejuízo de 1 milhão num mês. Aí o grupo da empresa parou, sentiu que não era nada daquilo, porque o Reynaldo Jardim tinha prometido mundos e fundos. Ao mesmo tempo, sentindo o prejuízo que chegou a sensibilizar a participação societária do Mauricio na Metropolitana, eles começaram a cortar as páginas do jornal, foram cortando, cortando e o jornal acabou com oito páginas, numa situação absolutamente lamentável. Perdeu todo mundo no arrendamento, não ganhou ninguém. O projeto do arrendamento era o Mário Andreazza ser presidente da República. Arrendaram para isso. O grupo Metropolitano ajudava as custas do Andreazza. Jogaram as fichas todas, mas o Costa e Silva teve um derrame cerebral e o projeto desabou. Porque o projeto era artificial, ninguém se iluda não, um projeto jornalístico tem que ser um projeto jornalístico, dizer que vou fazer um projeto jornalístico, porque empresarialmente vai refletir para o jornal, não reflete, pode refletir para o dono do jornal numa atividade econômica paralela, mas para um jornal como uma empresa não reflete. É um empreendimento difícilíssimo o jornalismo, o retorno do capital investido é baixíssimo, o risco é muito grande, vai depender da aceitação dos leitores, é preciso ter muito critério, um jornalista pode ser muito bom como repórter e como editor ser ruim, como chefe da reportagem ser ruim. O sujeito pode ser repórter, mas passa o tempo e ele fica mais velho e ele não tem mais atividade de repórter, vai lidar todo dia, ficar ao lado de pessoas que podiam ser filhos ou filhas dele, e se sente deslocado e tem que ir para outra função. Tudo isso tem que ser levado em conta. O grupo do Mauricio Alencar não levou absolutamente nada disso em conta e fez um projeto fantástico que era impossível. Todo mundo estava vendo que era impossível ter um custo daquele, tanto é que os

prejuízos surgiram e se acumularam e o resultado foi a morte do jornal em 8 de junho de 1974.

Como foi o dia do fechamento do *Correio da Manhã*?

O último dia do *Correio da Manhã* ocorreu em função do seguinte fato: nos últimos meses da vida do jornal na Gomes Freire, 471, hoje uma sede do Tribunal Regional do Trabalho. O prédio depois ficou muito abandonado, só o passado penetrava lá. Uma vez, entrei junto com o passado para pegar um arquivo, para fazer uma edição em 76. Para evitar a capciosidade do título, que acabou indo a leilão, fizemos uma edição. Eu escrevi, o Franklin de Oliveira também, o José Lino Grünewald, o Luiz Viana, Jayme Maurício, o Nogueira França na parte da música; revivemos um período de que as figuras mais importantes do jornal estavam representadas ali. O Maurício Alencar que tinha arrendado o *Correio da Manhã* comprou a *Última Hora* do Samuel Wainer. O Samuel Wainer estava numa situação muito difícil e vendeu a *Última Hora* ao Maurício Alencar, que depois vendeu ao Ari de Carvalho. O Ari de Carvalho assumiu a *Última Hora* e eu, até um dia, perguntei ao Maurício: "Afinal de contas, quem foi que comprou o *Última Hora*?". Porque o Ari de Carvalho era um jornalista qualificado, que tinha sido redator chefe da *Zero Hora*, em Porto Alegre, e de outros jornais no Rio, mas jornalista não ia ter dinheiro para comprar um jornal. Ele disse: "Olha, Pedro, eu não sei. Eu sei que o cheque era dele, saiu o recibo no nome dele". Depois, através do tempo, eu vim saber que era o Ronald Levinson, lá e n' *O Dia* também. Mas o Ari de Carvalho rodava o *Última Hora* na oficina do *Correio da Manhã*, ele ocupou o prédio do *Correio da Manhã*. Um dia, o Ari de Carvalho obtém num prédio do Levinson na Rua Equador, perto da estação rodoviária, um lugar para editar a *Última Hora*, e não precisava mais do prédio do *Correio da Manhã*. O grupo do Maurício Alencar resolveu devolver o jornal à Niomar, em junho de 1974, e a Niomar, surpreendentemente, não quis assumir. Queria ser ressarcida de prejuízos causados. Tinha razão, mas o grupo que tinha arrendado o jornal não tinha patrimônio nenhum. Não estava em nome da Metropolitana, era um assunto complicado e como todas essas coisas do Brasil, se assume o título, mas não se assume a massa falida. Há outras empresas jornalísticas que estão na mesma situação. Ele fale e não paga a ninguém, fica a conta toda para o poder público. Nos dias 6, 7 e 8, Niomar recebeu a comunicação que eles iam devolver o jornal no sábado, dia 8, de manhã, na Gomes Freire. Eu assisti. Foi o Marcelo Alencar, o Maurício não foi, foi o Mário Alencar (já morreu o Mário), e devolveu jornal à Niomar, que se recusou a assumir. A Niomar não estava lá, estava o filho dela, Antônio Muniz Sodré Neto. Disseram que o grupo que arrendou, temendo que a Niomar, ao reassumir o jornal fosse mandar fazer um

editorial violento contra eles, principalmente o Maurício Alencar, resolveu sabotar essa edição. A oficina chegou a supor isso e guardou chumbo e zinco para Niomar no jornal. E disseram que se a Niomar quisesse reassumir o jornal, que era dela, estivesse tranqüila quanto à questão do material básico para fazer isso, porque a oficina tinha guardado. Não se confirmou a sabotagem do grupo, da Metropolitana, mas havia essa suposição, e a oficina ofereceu a ela a alternativa de que tinha guardado. Ela se recusou a rodar o jornal, se recusou a assumir o jornal e o jornal morreu. Sua última edição saiu no dia 8 de julho de 1974, sob a responsabilidade do Afonso Cascon e minha, os dois, ele na parte geral, mais do que eu, e eu como editor da Nacional. Foi a última edição do *Correio da Manhã* na sua vida desde de 1901. Foi interrompida assim.

Depois houve alguma proposta de compra d'O Estado de S. Paulo e o Alberto Dines articulou isso porque tinha sido demitido do *Jornal do Brasil* e estava querendo ir à forra com um jornal que circulava na mesma faixa. Eu me empenhei também, mas o Alberto Dines era a figura mais importante, disparado. Mas a Niomar se recusou a vender. Depois, um grupo do Paraná tentou a compra, fazendo bem a separação, porque o prédio em que o *Correio da Manhã* funcionava não era de sua propriedade. Era de três pessoas, os netos do Paulo Bittencourt, que tinha deixado o prédio para eles em testamento quando se divorciou da Sylvia Bittencourt e foi casar com a Niomar Muniz Sodré. As três pessoas eram três filhos da filha dele: Sybil Sylvia, Edmundo Bittencourt e Paula Morrison (Morrison porque neste momento mudou o nome, porque se casou com um sujeito americano). Andou pelo *Correio da Manhã* um período, tinha até jeito para repórter. Esses três, se todos estiverem vivos, enfim, eu não sei, são os donos do prédio.

O testamento do Paulo Bittencourt (morreu em 1963) estabelecia que os herdeiros eram obrigados a alugar o prédio para o *Correio da Manhã* enquanto ele existisse, e assim foi feito. O prédio ficou ali, mas o *Correio da Manhã* desapareceu, criou-se uma situação estranha. Eu não sei se eles arrendaram o prédio, se eles conseguiram tirar uso-fruto, porque ali era uso-fruto que o Paulo Bittencourt tinha deixado, e o prédio era independente do jornal sob esse aspecto. O grupo do Paraná fez uma proposta boa para reviver o jornal, até me chamaram na ocasião para participar, mas a Niomar se recusou terminantemente a qualquer coisa. Achou que por trás do grupo do Paraná estava o Maurício Alencar que ela tinha tomado ódio. Era uma mulher de grandes ódios e um deles, eu acho, que do próprio Paulo Bittencourt. Ela trazia o Paulo Bittencourt escravizado a ela, tinha esse poder. Há mulheres que são assim, ela tinha uma edição da Cleópatra e ela dominava o Paulo. Eu acho que, no fundo, embora a relação dela em relação ao Paulo Bittencourt tenha sido de dominação absoluta por parte dela, ele, às vezes,

encontrava ... Um dia, ele entrou na casa do Carpeaux de manhã (contado a mim pelo Carpeaux) e disse: "Carpeaux, eu sou um infeliz. A minha Niomar..., a minha filha é pior ainda. Não sei..."; o Carpeaux ficou perplexo: ele na casa dele, uma casa modesta e o Paulo Bittencourt, um grande senhor. Mas às pessoas próximas, ele falava muito mal dela, com termos até muito agressivos e, no entanto, quando chegava de noite, ele ia para casa e fazia tudo que ela queria. Ele, no fundo, detestava ela, mas não conseguia se livrar dela. Ao ponto - penso eu, aí não tenho informação, é apenas opinião - que ela detestava tanto o relacionamento com o Paulo Bittencourt que fez questão de destruir o bem que era o orgulho da família Bittencourt, não vendendo, levando para uma situação de precipício. Assim o jornal desapareceu e não volta mais. Fizemos tentativas. Em 1976, eu procurei articular os créditos trabalhistas, mas foi em vão, era realmente impraticável, eu não tinha condições para isso. Eu sou um jornalista, em matéria de lidar com dinheiro, eu sou zero, nem tenho nenhuma afinidade com visão empresarial. Posso fazer uma crítica, uma análise da coisa, mas prática não tenho nenhuma. Era chamado para dar opinião sobre o projeto editorial do jornal, mas não sobre o projeto empresarial. Opinei uma vez, quando um grupo de um sujeito chamado Wilson Nogueira Rodrigues, que tinha sido diretor do Finep, BNDES, um fundo do BNDES, comprou como título o *Correio da Manhã*. É uma coisa até interessante essa questão do título. Quando o jornal estava parado, nós rodamos em 1976 essa edição, que a *Veja* deu uma página, reproduzindo a página do *Correio da Manhã*, o título foi a leilão e o juiz, na ocasião, estabeleceu o lance mínimo em 1 milhão e 500 mil cruzeiros. Uma das pessoas, um advogado que articulava a formação do crédito trabalhista para comprar e editar o jornal, chamava-se Rocha Lima. O governo, Geisel, que tinha horror a Niomar, confundiu Rocha Lima com Tuti de Lima Rocha, um grande advogado do Rio de Janeiro, que era advogado da Niomar numa série de processos. Parece incrível isso, mas é absolutamente verdade. O governo, através do Armando Falcão, antes de romper com o Roberto Marinho, acionou o Roberto Marinho para que comprasse esse título, para impedir que a Niomar voltasse à cena. O Roberto Marinho mandou fazer isso. Então, nós fomos a leilão em 1977. Nós tínhamos conseguido reunir um milhão de cruzeiros, segundo o Rocha Lima. Começamos a dar os lances e apareceu um advogado chamado Adolfo Monteiro, que era do grupo e nós não sabíamos, começou a dar lances, sempre acima do nosso. No meio do lance, não havia celular na ocasião, eu dei um telefonema. Estava trabalhando n' *O Globo*, e dei um telefonema para dizer que eu estava atrasado, [mas] tinha matéria. O cara me perguntou: "Como está o leilão?", "Tá duro, tem um sujeito chamado Adolfo Monteiro que está comprando e eu não sei quem é..."; "Adolfo Monteiro é um advogado daqui"; aí: "Ah, tem alguma coisa.

Se *O Globo* está nisso...". Chegou o limite de 1 milhão e ele botou 1 milhão e 50 mil, perdemos. Mas o juiz, moço na ocasião, tinha uns 36 anos, achou que 1 milhão e 50 mil prejudicou o espólio, prejudicou o inventário, e não era suficiente, porque ele tinha estabelecido um lance mínimo de 1 milhão e 500 mil, e anulou o leilão. Quando convocou o segundo leilão disseram ao governo: "O Rocha Lima é um advogado comum, não é o Tuti Lima Rocha; são primos, mas não tem nada a ver". Aí o governo liberou o Roberto Marinho do segundo leilão, então, o Wilson Nogueira Rodrigues comprou por uma quantia muito pequena, 100 mil e pouco, e fez o projeto do grupo dele com o Paulo Viana, e me chamou. Eu fui, mas: "nós somos tal, nós queríamos ouvir você, mas você tinha amor pelo jornal, é um caso de amor seu com o *Correio da Manhã*", e era mesmo, "mas o fato é que nós compramos também a *Luta Democrática* e queremos editar a *Luta* e obter capital para editar o *Correio da Manhã*", aí eu disse: "Vocês não vão conseguir, é melhor direcionar o recurso para o *Correio da Manhã*. Eu explico o porque. Jornal que bate em classe média e em renda mais alta, essa faixa de consumo pode adquirir dois jornais, mas na faixa de *O Dia* e da *Luta [Democrática]* é classe pobre, não tem poder aquisitivo para comprar dois jornais, vai se perder tempo". Não vão enfrentar *O Dia*, do Chagas Freitas, não vão. Inclusive, ele está voltando ao governo, dessa vez no Rio de Janeiro. Mas mesmo que não estivesse, a *Luta* já tinha passado. Eles insistiram no projeto da *Luta* e foram à falência em 3 ou 4 meses. Insistiram no *Correio da Manhã* e o título caiu em domínio público. Eu já estava trabalhando no *O Globo* e o Evandro [Carlos de Andrade] me demitiu por um motivo que até hoje não entendi. Eu tinha feito uma matéria sobre um projeto do governo de estabelecer a compensação de tempo de serviço, a adição de tempo de serviço para efeito de aposentadoria, e tinha ouvido o presidente do INSS, que era esse que hoje é ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes. Realmente eu tinha tomado a iniciativa de fazer essa matéria e foi bobagem, porque eu cobria a política e achei que esse era um bom tema, tinham me falado desse projeto. Mas o José Carlos Andrade era o chefe da assessoria de imprensa do Stephanes do INSS, irmão do Evandro, que naturalmente avisou ao Evandro e não gostaram disso e o Evandro, que tinha algum interesse na previdência... Eu fui demitido do *O Globo* e fiquei alguns meses. Aí, o Hélio me convidou para fazer uma coluna na *Tribuna da Imprensa* e eu comecei a fazer. Depois, fui nomeado, em 76, com o Luiz Fernando da Silva Pinto, diretor de comunicação da LBA (Legião Brasileira de Assistência) Passou o tempo, deixei de fazer a coluna da *Tribuna* e fiquei só colaborando de forma avulsa. Voltei à *Tribuna* efetivamente em 1983, 1984, onde trabalhei um ano e até me saí bem como editor político... Enfim, havia um outro projeto qualquer e eu acabei saindo da *Tribuna da Imprensa*. Continuei como diretor da LBA e até que

tive essa passagem no *Jornal do Brasil* em 1982. Depois, tive essa coluna na *Tribuna da Imprensa*, tive a passagem pelo *Jornal do Brasil*, pela *Rádio Jornal do Brasil*. Depois, trabalhei na *Tribuna*, saí, fiquei como diretor de comunicação só da LBA, que acabou em 1992. Eu colaborando na *Tribuna da Imprensa* sempre. Até que, há dois anos e meio, 2004, era Copa do Mundo e eu tinha feito uma matéria sobre futebol, que eu acompanho muito. O Hélió me chamou e disse: "Faz os artigos diários no decorrer da Copa". E eu fiz sobre futebol, sobre a Copa. Para as informações táticas e históricas, eu recorria muito ao Luís Mendes, que é uma enciclopédia do futebol (é um bom depoimento na parte da história desse esporte fascinante). Quando acabou a Copa do Mundo de 2004, o Hélió me convidou para fazer uma coluna diária sobre qualquer assunto e é o que eu estou fazendo até hoje. Como até hoje eu não tenho o que reclamar da colaboração, o Hélió também não - senão tinha mudado - eu continuo fazendo. Hoje mesmo falei com ele, eu tenho muito prazer em fazer isso. Foi muito importante para mim.

Fazendo um retrospecto de toda a sua trajetória jornalística, que reportagens suas mais lhe marcaram?

A reportagem que mais me marcou, que eu fiz, foi em 1964, no dia 28 de março. Tinha havido o episódio dos marinheiros: o comandante Cândido Aragão, no sindicato dos metalúrgicos, jogaram o quepe para o alto. Num segmento militar, um negócio desses é inadmissível. Foi insubordinação, evidente. Carregaram o Almirante Aragão e determinaram a prisão dos insubordinados. Acontece que era uma Semana Santa, 28 foi o sábado de Aleluia. Na semana santa, tinham estabelecido que... Inclusive empurraram um oficial da Marinha dentro da água, ali perto da Praça Mauá, no cais dos mineiros, o Ministério da Marinha. Tropas iguais determinaram a detenção dos marinheiros, cabos e subordinados. Mas para evitar que o carcereiro fosse a própria Marinha (alegando que, para efeito de segurança, o Exército era o responsável pela área do Rio de Janeiro), levaram os detidos para o Batalhão de Guarda de São Cristóvão. Isso na segunda-feira. Na quinta-feira à noite, não se sabe por ordem de quem até hoje, determinaram a soltura dos cabos e marinheiros, que saíram em passeata pelas ruas em São Cristóvão, vieram pela Presidente Vargas, puseram uma coroa de flores na estátua do marinheiro Marcílio Dias, herói da Guerra do Paraguai. Os militares viram naquilo uma insurreição. Imediatamente convocaram uma reunião pro Clube Naval no sábado, reunião absolutamente fechada, só entravam oficiais. Eu pensei o seguinte: "Não quero ser herói de mim mesmo, mas vou tentar entrar". O carro, uma camionete Rural Willys, era da reportagem do *Correio da Manhã*, "Se parar aqui na porta", eu disse para o motorista, "vão ver que eu sou jornalista, não vão deixar eu entrar. Vou tentar

passar. Não olhando demais para a cara de quem está na porta, tinham oficiais na porta, também não tirando o olho demais, porque as duas atitudes chamam muita atenção vou ver se entro normalmente”. Avisei a ele: “Olha, qualquer coisa avisa a redação”, eu fiquei com um certo medo de ser preso e entrei. Pensaram que eu fosse oficial, tenente ou qualquer coisa, isso em 64. Faz 44 anos, eu tinha 30 anos, podia ser no máximo capitão. Entrei, mas ali virava o rosto o Augusto do Amaral Peixoto, que era almirante da reserva, irmão do Ernani, e que me conhecia. Mas ele não disse nada. Um capitão de mar e guerra, coronel da marinha começou a conversar sobre o assunto, dizendo: “É isso, é aquilo...”. Formou-se uma roda, e eu não podia anotar nada, mas prestando atenção no que tinha ocorrido. Quando deu uns 20 minutos da minha presença, eu achei importante ir embora enquanto fosse tempo, porque a matéria essencial eu já tinha, que era a insurreição contra o Jango, era não aceitar a libertação dos soldados, quebrando a hierarquia e até o regulamento militar. Para a pessoa ter uma idéia, no Exército, na Marinha, na Aeronáutica chegar atrasado um dia é uma calamidade, o sujeito vai ser repreendido, perde pontos para a promoção, perde tudo. Dois dias, então, é detido quatro dias. Imagine, então, jogar o quepe para o alto, um almirante, cabo num sindicato, carregado por marinheiros. Assim que acabei, dei a volta por trás do Teatro Municipal, e o carro estava ali, era Inocência, o motorista. Eu disse: “Vamos direto para o jornal”. Cheguei no jornal, eu disse ao secretário Aluísio Branco: “Estou com uma matéria excepcional”; “Mas eu tenho espaço só na primeira. A matéria agüenta a primeira?”, aí eu disse: “Ah, agüenta”. A rebelião militar começou aquele dia, 29 de março. A manchete do *Correio da Manhã* foi essa: “Militares não aceitam solução de Jango. Querem derrubá-lo”. Ficou nítido isso. Foi o primeiro jornal a dar e foi a reportagem - eu acho que como repórter eu corria até um certo risco, porque podia ter sido preso - mais importante que eu fiz e não me esqueço dela. O resto foi a atuação da Proconsult, trabalhos seguidos de pesquisa que também gosto muito de fazer, o fato do Franklin, um dos grandes editorialistas da imprensa, ter me indicado para substituí-lo é uma coisa que comove, emociona até hoje. Mas, essa foi a reportagem mais importante. No sentido de reportagem, foi a mais importante que eu fiz. Está no arquivo do jornal.

Você acha que os jornalistas têm essa consciência de que eles participam da História de alguma forma?

Acho que sim. Não precisa ter consciência de que está participando. Como disse Giambattista Vico, um filósofo italiano do século XVI: “A humanidade chegou onde chegou sem saber o que estava acontecendo”. Às vezes, o sujeito não sabe o que está acontecendo. Com a energia atômica, Einstein pensou que fosse uma coisa,

“vai destruir o mundo” e, ao contrário, a energia atômica impediu as guerras, porque só pode haver guerra de conquista, não pode haver guerra de destruição porque não interessa economicamente a ninguém se você destruir, jogar bomba, megatons. Se estabeleceu o equilíbrio do terror, o cientista viu errado. Tanto que o Einstein não quis participar do projeto de uma arma, e tinha sido convidado. A teoria dele, da Relatividade, foi que levou à construção da bomba, no fundo. Os caras da escola de Sagres, por exemplo, que é a maior aventura humana. Descobrir o Cabo das Tormentas, em 1487, o Caminho das Índias em 90, Vasco da Gama; a América, Colombo em 92, o Brasil em 1500. Coisas épicas. O único que não era português era Colombo, mas era Sagres. A Escola de Sagres foi a maior aventura humana, muito mais importante que chegar à Lua, abrir o muro. Mas, o sujeito tinha noção de saber o que ele estava fazendo naquele momento? Ele navegou, ele tinha certeza de que havia terra e de que o mundo era redondo. Tão importante que a teoria de Galileu que era redondo e não quadrado é 1610, são mais de 100 anos depois das aventuras marítimas. Naquele tempo, pensava-se que o mundo era quadrado, se você chegasse a um ponto limite e caía no abismo se não fosse redondo. O sujeito tinha que ter um comando senão a tripulação se insubordinava. Enfim, o sujeito tinha noção disso? Não sei. Já o Leonardo Da Vinci, tenho a impressão de que tinha certeza da sua importância e imortalidade. Até pelo quadro da Santa Ceia que está na Igreja de Santa Margarida, em Milão, salvo por um milagre. Houve um bombardeio dos Aliados durante a guerra e a bomba caiu no meio da sala, o quadro que estava na parede escapou. Isso está no livro do Dan Brown. Ele fez a figura ao lado do Cristo, à direita, uma figura feminina e ele abriu espaço fazendo um Y, sinalizou para o futuro, o Y é um símbolo de hystero, e hystero é útero em grego. Era um símbolo feminino, que ele estava passando um código. Daí o sujeito foi muito feliz no *Código Da Vinci*... deixou a versão dele. Como não podia fazer isso na ocasião, porque ia ser um “deus-nos-acuda”, ele acabaria queimado, ele deixou para o futuro, ele tinha certeza. Mas nem todos têm essa certeza. Tendo ou não, a história do jornal é escrita nas redações, nas teclas nervosas de antigamente e hoje nas teclas do computador, digitais. Mas é escrita assim, a história é escrita no dia-a-dia. Os jornalistas, todos nós, somos autores desse processo histórico, dessa aventura, somos testemunhas disso, somos narradores. A veracidade depende muito da nossa firmeza, da nossa objetividade, da nossa clareza sobre tudo. É preciso traduzir situações, porque não há nenhuma descrição que seja absoluta por si. É preciso recorrer à atmosfera na certeza de que aquilo fica para sempre. Mas nem todo mundo tem essa sensação, esse apelo, mesmo porque, exigir isso de uma pessoa muito jovem é demais. No fundo, o

processo não precisa que a pessoa seja consciente de que está fazendo a história, ela está fazendo a história independentemente desse aspecto.

Como você avalia o jornalismo hoje?

Muito bem. Os meios de comunicação se tornaram extremamente rápidos, tem a internet... A parte visual ganhou muito, porque, antigamente, tinha que esperar uma radiofoto, vinha picotado, a reprodução não era boa, hoje é perfeita. Você numa redação liga o computador e, eu não sou dos que mexem em computador, mas admiro muito, vi no *Jornal do Commercio* quando eu editei, quando tive uma passagem no *Diário Mercantil*, que existe até hoje no prédio do *Jornal do Commercio*. No *Jornal do Commercio* eu vi funcionar o computador. Fantásticas as fotos. O sujeito digita na hora, escolhe o tamanho, pagina no tamanho, tem uma nitidez imediata na imagem, a qualidade da imagem, a cor no jornalismo, que não havia. Em 74, a *Última Hora*, primeiro em 52, mas aí só com o título em azul; a *Tribuna* em vermelho em 49, mas a cor dentro das páginas de dentro foi a *Última Hora*, em 74, no off-set, Ari de Carvalho. Foram contribuições... Cada um vai passando, vai empurrando o carro um pouco, vai dando a sua contribuição. O processo da vida humana é assim. Eu vejo muito bem, lamentando, apenas, não haver mais editorialistas como no passado. Acho que a imprensa na reportagem, na parte visual, na rapidez, na apuração dos fatos, na identificação, na pesquisa é muito melhor que antigamente. A pesquisa, hoje, é um ponto altíssimo do jornal, ela publica matérias e dá um suporte de pesquisa excepcional com base na internet. Mas a parte de opinião, a parte editorial se ressentem e é pena.

Como você avalia uma iniciativa como essa, de se recuperar a memória do jornalismo?

Importantíssimo, porque o jornalismo, como a história, é também o presente. O jornalista é isto: o compromisso dele com o presente e a certeza de que fica para sempre. Eu acho que a iniciativa, o projeto é fundamental. Faltava um projeto assim a respeito do universo jornalístico, da informação, da comunicação. Até porque uma coisa é a comunicação na televisão, no rádio, outra coisa é a comunicação impressa. Se você chegar a fazer uma comparação recorrendo ao plano sensual, você poderia dizer que a televisão, que é o veículo mais forte, excita o sistema informativo, mas não satisfaz totalmente; é indispensável, mas você não pode fazer análise de nada. Você faz uma coisa panorâmica, analisar não pode. Se for se meter a analisar na televisão, o sujeito sai fora do canal, fica desagradável, enfadonho. A televisão desencadeia expectativa, mas no dia seguinte, o sujeito vai aos jornais. Vendo o seguinte: quando há fatos de grande impacto que a televisão

destaca, a audiência sobe, mas a venda dos jornais no dia seguinte também. Este ano, matéria recente publicada n' *O Estado de S. Paulo*, com base numa pesquisa do Instituto Verificador de Circulação, os principais jornais neste ano de 2008, primeiro semestre, venderam 8% a mais do que venderam no primeiro semestre de 2007. Eram 4 milhões de exemplares no primeiro semestre do ano passado, são 4.320 milhões média no primeiro semestre deste ano, 8% é um avanço extraordinário, sabe por quê? Porque a população brasileira, nesse mesmo período, cresceu 1,2% no ano, então, o hábito de ler jornal cresceu sete vezes mais do que a população. Houve um crescimento efetivo, real dos jornais. Eu acho que esse projeto que o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro e a Petrobras promovem é fundamental, porque vai ficar para sempre na memória da vida nacional e não só do jornalismo, porque o jornalismo é uma parte da vida nacional, mas a vida nacional é maior do que isso, como o jornalismo é maior do que os problemas que ele enfrenta e que enfrentou através da história. Tanto é que ele não desapareceu. Se ele fosse uma coisa negativa, pudesse se reprimido teria sido reprimido pela ditadura na Alemanha de Hitler, no Brasil pela ditadura militar e nem por isso a imprensa deixou de existir e até se ampliar, de crescer. Eu acho que esse programa, esse ciclo de memória, é um ciclo para ficar para sempre. Que assim seja. Amém, como dizia o Nelson Rodrigues.